



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA

Gabriel Franco Dantas

Utopia ou revolução: o pensamento político do maduro William Morris (1885-1896)

Florianópolis

2024

Gabriel Franco Dantas

Utopia ou revolução: o pensamento político do maduro William Morris (1885-1896)

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel e Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr.º Adriano Luiz Duarte

Florianópolis

2024

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.
Dados inseridos pelo próprio autor.

Dantas, Gabriel Franco

Utopia ou revolução: : o pensamento político do maduro
William Morris (1885-1896) / Gabriel Franco Dantas ;
orientador, Adriano Luiz Duarte, 2024.

64 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História,
Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. História. 2. Morris, William, 1834-1896. 3.
Pensamento social. 4. Ciência política. 5. Socialismo. I.
Duarte, Adriano Luiz. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Graduação em História. III. Título.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos treze dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e quatro, às catorze horas por videoconferência, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo(a) Professor Adriano Duarte, Orientador e Presidente, pelo Professor Iraldo Matias, Titular da Banca, e pelo Professor Ricardo Müller, Suplente, designados pela Portaria nº 41/2024/HST/CFH do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Gabriel Franco Dantas**, subordinado ao título: **”Utopia ou revolução: o pensamento político do maduro William Morris (1885- 1896)”**. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor Adriano Duarte a nota final 10,0., do Professor Iraldo Matias a nota final 10,0 e do Professor Ricardo Müller a nota final 10,0; sendo aprovado com a nota final 10,0. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital à Coordenadoria do Curso de História até o dia vinte de dezembro de dois mil e vinte e quatro. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

Florianópolis, 13 de dezembro de 2024.

Banca Examinadora:

Prof. Adriano Duarte



Documento assinado digitalmente

Adriano Luiz Duarte

Data: 13/12/2024 15:32:28-0300

CPF: ***.451.088-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Iraldo Matias



Documento assinado digitalmente

IRALDO ALBERTO ALVES MATIAS

Data: 17/12/2024 11:42:45-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Ricardo Müller



Documento assinado digitalmente

RICARDO GASPAS MULLER

Data: 14/12/2024 11:24:50-0300

CPF: ***.746.837-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Candidato Gabriel Franco Dantas



Documento assinado digitalmente

GABRIEL FRANCO DANTAS

Data: 17/12/2024 12:31:00-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico Gabriel Franco Dantas, matrícula n.º18200960, entregou a versão final de seu TCC cujo título é **Utopia ou revolução: o pensamento político do maduro William Morris (1885-1896)**, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 18 de dezembro de 2024.



Documento assinado digitalmente

Adriano Luiz Duarte

Data: 19/12/2024 16:35:39-0300

CPF: ***.451.088-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Orientador

Para Claudia, minha mãe,
a primeira humanista que conheci.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Claudia e à minha irmã Isabela, pelo afeto, pela presença e pela base material que me dispuseram, sem a qual este trabalho sequer poderia ter dado seu início.

Ao meu saudoso pai Ivanildo, por ter sido o primeiro a estimular em mim o gosto pela história.

Ao meu padrinho Darío que, além de ter sido o primeiro que acreditou na minha escolha em tornar-me historiador, foi fundamental durante todo o percurso dentro do curso.

Às minhas tias, tios, primas e primos. Em especial, à tia Ana Inês, por ter-me ajudado materialmente durante minha graduação; à tia Angela, pelo estímulo, e à tia Vanda que, desde o início, me encorajou a seguir o ofício de meu pai e de meus tios.

À minha avó Maria, por todo o carinho.

Aos amigos do colégio Barddal e às amigas do Educandário Imaculada Conceição; pela amizade de uma vida, pelas risadas e por compreender minha ausência nos últimos meses.

À amiga Muryell, pelas conversas e pelo suporte que me ofereceu diante dos momentos difíceis.

Ao meu afilhado Joaquim, que tanta alegria e orgulho gera a este seu padrinho.

Ao servidor e amigo Milano, pela atenção e disponibilidade que sempre se prontificou em me oferecer e pela amizade; ao servidor Adriano, por toda a gentileza.

Ao amigo Marcos, pela disposição em me ouvir falar sobre este trabalho nos últimos meses.

Ao meu companheiro Aquiles, pelas madrugadas de estudo em que me acompanhou.

À prof.^a Angela Schillings, por ter-me ajudado durante a execução deste trabalho, pelas conversas e, também, por ter-me mostrado, tantas vezes, que o óbvio estava “debaixo do meu nariz”.

Ao prof.^o Ricardo Müller, por ter aceitado logo de pronto o convite em participar da banca examinadora deste trabalho; ao prof.^o Adriano Duarte, por ter aceitado orientar-me.

Por fim, mas longe de ser o menos importante, ao prof.^o Iraldo Matias. São raros os casos em que podemos chamar nosso mestre de amigo. Felizmente, a vida deu-me esta satisfação. Agradeço-lhe não só pelas trocas intelectuais e reflexões, mas também pela grande amizade, pelo apoio, pelos desabafos, pela camaradagem e solidariedade ao longo desses anos.

Estendo meus agradecimentos a todos os amigos e colegas que, de alguma forma, contribuíram para minha formação, bem como à Universidade Federal de Santa Catarina.

Rien ne demeure égal à soi, il n'y a de constant que le changement perpétuel qui lui
non plus n'est jamais le même. (Joseph Dietzgen, 1869)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o pensamento sociopolítico do maduro William Morris (1885-1896), abordando sua contribuição para a história do socialismo, em particular para o marxismo. Embora Morris seja amplamente reconhecido por seu papel no movimento *Arts & Crafts* e por sua influência no *design* moderno, sua obra social e política, especialmente seu antiestatismo e antiparlamentarismo, é frequentemente negligenciada ou simplificada. Através da seleção de textos de sua última fase, o estudo propõe uma reavaliação dessas ideias, argumentando que sua crítica ao Estado, ao parlamento, às reformas e à socialdemocracia antecipa debates sobre o papel dessas políticas e instituições na perpetuação de formas de dominação. A análise busca destacar a atualidade do pensamento de Morris, especialmente no contexto contemporâneo.

Palavras-chave: William Morris; Antiestatismo; Antiparlamentarismo; Marxismo; Marxismo heterodoxo.

ABSTRACT

This study aims to analyze the sociopolitical thought of the mature William Morris (1885–1896), focusing on his contribution to the history of socialism, particularly to Marxism. Although Morris is widely recognized for his role in the *Arts & Crafts* movement and his influence on modern *design*, his social and political work — especially his anti-statism and anti-parliamentarianism — is often overlooked or simplified. By examining selected texts from his later years, this study seeks to reassess these ideas, arguing that his critique of the state, parliament, reforms, and social democracy anticipates debates on the role of these policies and institutions in perpetuating forms of domination. The analysis seeks to highlight the relevance of Morris's thought, especially in the contemporary context.

Keywords: William Morris; Anti-statism; Anti-parliamentarianism; Marxism; Heterodox Marxism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. O PROLETARIADO EUROPEU E A POLÍTICA PARLAMENTAR: O CONTEXTO DAS LUTAS SOCIAIS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX.....	18
2. O ANTIESTATISMO, O ANTIPARLAMENTARISMO E A CRÍTICA DO REFORMISMO EM MARX E ENGELS.....	21
3. O PENSAMENTO POLÍTICO DO MADURO WILLIAM MORRIS.....	23
3.1. O ANTIPARLAMENTARISMO E A CRÍTICA DO REFORMISMO.....	25
3.2. A CRÍTICA DO ANARQUISMO.....	41
4. CONCLUSÃO.....	47
REFERÊNCIAS.....	50

INTRODUÇÃO

William Morris (1834-1896) é mais reconhecido no Brasil por sua influência como precursor do *design* moderno e por ter sido o maior propagandista do movimento *Arts & Crafts* na Inglaterra, no final do século XIX (Pevsner, 2002; Fiell; Fiell, 2015a, 2015b). No entanto, além de sua contribuição para o campo do *design* e da arquitetura, Morris também se destacou como um pensador político e militante socialista, alinhando-se à tradição marxista nos últimos anos de sua vida (Thompson, 1988f). Sua adesão ao marxismo transformou significativamente sua visão sobre a política e a sociedade. Dentre as ideias políticas mais relevantes desse período, destacam-se seu antiestatismo e antiparlamentarismo (Aldred, 1940; Thompson, 1988c, 1988f; Morris, 2012a). A crítica de Morris ao Estado e ao parlamento, anteciparam debates que só receberiam maior atenção no século XX.¹

Morris foi também poeta, romancista, artista decorativo, tipógrafo, tradutor e precursor do *design* e da arquitetura moderna (Thompson, 1951; Pevsner, 2002; Botto, 2003b),² tendo sido também precursor da discussão sobre a função da arte na sociedade capitalista (Kelvin, 1999; Medraño, 2014). Pode-se, assim, fazer aproximações de suas ideias com as do teórico marxista Walter Benjamin,³ que afirmou: “em vez de se buscar no ritual, ela [a função da arte] começa a ter por base uma outra prática – a política” (Benjamin apud Jay, 2016, p. 271).⁴

¹ Segundo Thompson: “De certo modo, Morris teve uma intuição profética sobre o caráter da teoria emergente da socialdemocracia do século XX” (Thompson, 1988c, p. 532, tradução nossa).

² No discurso a uma conferência organizada pelo Comitê Cultural Nacional do Partido Comunista da Grã-Bretanha em Londres em 29 de abril de 1951, Thompson também afirmou: (se as histórias sobre seu domínio de certas palavras anglo-saxônicas forem verdadeiras) foi o precursor do grupo de Linguística também” (Thompson, 1951, tradução nossa).

³ Para Kelvin, “Se isto torna Morris mais ou menos profundo do que aqueles pensadores radicais que relegaram a arte à superestrutura de uma sociedade cuja realidade básica eram os meios de produção, e a forma como estes foram organizados, é uma questão que cabe a cada leitor decidir. No entanto, que a visão de Morris se tornou, sob uma forma diferente, cada vez mais a preocupação dos teóricos radicais no século XX, desde Theodor Adorno, Walter Benjamin, Herbert Marcuse e o resto da Escola de Frankfurt até Terry Eagleton hoje, isto é claro e é importante considerar (Kelvin, 1999, p. 14, tradução nossa). Segundo Isabel Donas Botto, “Ao longo do século XX, uma plêiade de escritores, sociólogos, e filósofos – de Adorno a Henri Lefebvre – avançaram análises mais sofisticadas de muitas das questões sociais e culturais abordadas nestes textos de Morris, muitos deles perfilhando, pelo menos em parte, as orientações políticas deste autor” (Botto, 2003c).

⁴ Além de Benjamin, poderíamos sem muitas dificuldades comparar algumas reflexões de Morris com as de Adorno. Por exemplo, numa conferência proferida em 1889, Morris antecipa uma discussão que será tratada e desenvolvida posteriormente por Adorno em 1932, a respeito do *kitsch* e de seu caráter capitalista. Sobre isto, cf. Morris (2016b); Adorno (2020).

Mas apesar de sua relevância, as ideias de William Morris, sobretudo suas ideias sociopolíticas, foram (e continuam sendo) frequentemente simplificadas (Thompson, 2012c). Essa simplificação, ou mesmo incompreensão, teve seu início, em parte, no período em que Morris se aproximou de figuras centrais do socialismo, como Friedrich Engels e a militante socialista Eleanor Marx, filha de Karl Marx. Juntos, eles fundaram a Liga Socialista na Inglaterra, em 1884 (Thompson, 1988b, 1988c; Botto, 2003a). Entretanto, divergências teóricas e políticas levaram a uma separação abrupta entre eles (Thompson, 1988c). Após o rompimento, Engels expressou crescente desprezo por Morris, como revelaram algumas de suas cartas.⁵ Em 1890, diante da pressão anarquista dentro da Liga Socialista, Morris é forçado a deixá-la (Thompson, 1988c; Botto, 2003a; Medraño, 2014). No mesmo ano, já separado de Friedrich Engels e Eleanor Marx, funda a Liga Socialista de Hammersmith.

Algumas dessas classificações a respeito de Morris persistiram ao longo do século XX, com destaque para a interpretação que o via unicamente como romântico e utópico (Bavier apud Medraño, 2014, p. 10; Fiell; Fiell, 2015a, 2015b). Mesmo um marxista alemão pouco ortodoxo como Ernst Bloch (2005, p. 168), em sua obra mais influente, reduziu as ideias políticas de Morris a questões puramente estéticas, afirmando que, para o polímata inglês, o maior problema do capitalismo não era sua desumanidade, mas sua feiura. Porém, bastar-nos-ia a frase de um discurso de Morris para provar que ele pensava – praticamente – o exato oposto disso.⁶

No campo do marxismo, foi o historiador britânico Edward Palmer Thompson que em 1955 publicou *William Morris: Romantic to Revolutionary*, uma biografia crítica sobre o pensamento de William Morris - embora tenha preferido chamá-la de um estudo sobre Morris (Thompson, 1988e). Nela, apresentou a complexidade e a riqueza das ideias do polímata inglês, retirando as suas ideias estéticas, sociais e políticas do

⁵ Cf. Engels (2010). Segundo Thompson, “Na década de 1880, a declarada aversão de Engels ao moralismo era tamanha que seu olhar atravessou o gênio extraordinário do ativista socialista inglês William Morris e sequer percebeu o que havia ali. (...) Esse silêncio foi transmitido à tradição marxista ulterior na forma de uma repressão. Esta, por seu turno, tornou mais fácil para a tradição principal dar as costas a Morris (e a muitas outras vozes) e capitular diante de um economicismo que, na verdade, simplesmente usou uma noção utilitária burguesa de ‘necessidade’; e, como complemento necessário disso, estimulou um reles filisteísmo perante as artes. A ciência marxista só precisava entrar no reino do socialismo, e tudo o mais lhe seria acrescentado. E foi o que o marxismo-leninismo-stalinismo fez. E sabemos com que resultado!” (Thompson, 2021, p. 264-265).

⁶ Proferido em Liverpool, no 1º Encontro da *National Association for the Advancement of Art and its Application to Industry*, em 5 de dezembro de 1888: “Eu não peço que produzamos um pouco mais de beleza no mundo, por muito que a preze e por muito que estivesse disposto a sacrificar por ela; peço pelas vidas de seres humanos ou, se quiserem, nas palavras do poeta romano, por razões para viver” (Morris, 2003a, p. 125).

ostracismo. Em 1959, proferiu um discurso sobre William Morris, no qual destaca que, além dele ter sido um polímata, Morris deveria ser lembrado por ter sido “um grande revolucionário, um revolucionário profundamente culto e humano, mas não menos revolucionário por esta razão. Além disso, ele era um homem trabalhando pela revolução *prática*. É isso que une o homem inteiro” (Thompson, 1959, itálicos no original, tradução nossa).

Ao entrar em contato com as ideias de Morris, Thompson passou a confrontar intelectualmente as concepções do marxismo bolchevique que carregava até então. Após esse período, ainda na década de 1950, o historiador britânico adotou uma postura crítica em relação à União Soviética, rompendo com o Partido Comunista da Grã-Bretanha.⁸ Em 1976, quando da segunda edição da biografia sobre Morris, escreveu um pós-escrito onde demonstrou que as polêmicas e os debates em torno das ideias de Morris não haviam cessado (Thompson, 2012c).

Apesar dessa aproximação, Thompson não categorizou a teoria sociopolítica de Morris enquanto heterodoxa.⁹ Logo, isto não o incitou a comparar seus escritos com os de marxistas heterodoxos, tal como Anton Pannekoek (2005) e Amadeo Bordiga (1981), que sucederam a Morris. Embora, desde o início do século XX, a chamada heterodoxia marxista tem sido presença constante nos movimentos e lutas proletários (Tragtenberg, 1981).

⁸ Thompson “sairia em 1956 [do Partido Comunista], convencido da necessidade de um ‘socialismo humanista’, indo engajar-se na New Left (Nova Esquerda)” (Thompson, 2012a, p. 23). Segundo Silva, “Seu afastamento ideológico do Partido Comunista recebeu novos tons políticos na medida em que sua aproximação com William Morris foi se intensificando. Durante seus anos iniciais, Thompson esteve bastante vinculado à ideia de o marxismo como uma ortodoxia ligada, particularmente, ao Partido Comunista de Stálin e foi devido à conjuntura política da Guerra Fria e a lealdade à memória de 1944 que Thompson permaneceu ali. É com os estudos sobre William Morris que Thompson iniciou seu processo de libertação, termo usado por Bryan Palmer, da ortodoxia (Silva, 2020, p. 18). A influência de Morris foi decisiva para que Thompson deixasse o PCGB, mas não foi a única, como nos lembra Dworkin: “Acompanhando o discurso de Nikita Khrushchev em 1956 quando admitiu os crimes cometidos pelo regime de Stalin, Thompson emergiu com a voz mais crítica dentro do Partido Comunista Britânico, o qual ele posteriormente deixou quando a União Soviética invadiu a Hungria em novembro de 1956” (Dworkin, 2014, p. 95).

⁹ A definição aqui utilizada é a proposta pelo cientista social Maurício Tragtenberg e pelo historiador João Bernardo. Segundo estes autores, o marxismo heterodoxo é uma interpretação das obras de Karl Marx que não se enquadra nos moldes do marxismo-leninismo-stalinismo e do marxismo-leninismo-trotskismo. Tragtenberg (1981) argumenta que a postura marxista heterodoxa se manifesta por meio da defesa dos conselhos proletários, da crítica ao Estado, ao parlamentarismo e aos partidos políticos. Por sua vez, João Bernardo (2009b) afirma que o marxismo heterodoxo e o marxismo ortodoxo se desenvolveram a partir de teses contraditórias e antagônicas presentes na obra de Marx. Bernardo denomina o marxismo heterodoxo como o marxismo das relações sociais de produção e a vertente ortodoxa como o marxismo das forças produtivas.

Dessa forma, analisar os escritos sociopolíticas do maduro Morris com um olhar mais cuidadoso (e também heterodoxo), ajuda-nos a lançar luz sobre a atualidade do seu pensamento. Isso permite dar continuidade ao trabalho iniciado por Thompson: uma investigação mais profunda das ideias desse polímata inglês, de sua contribuição para as discussões acerca das instituições políticas, das relações sociais e para a história do socialismo e do marxismo.

Para analisar o pensamento político de William Morris, esta pesquisa realiza uma seleção de seus escritos publicados em jornais socialistas ingleses, bem como de conferências e discursos que foram originalmente proferidos e posteriormente transcritos, entre 1885 e 1894. Estas são as fontes primárias que servem como base para a análise, proporcionando uma visão mais abrangente das ideias da última fase do autor.

A escolha de focar nos escritos da fase madura do autor segue a divisão proposta pelo historiador Edward P. Thompson (2012c). De 1885 até 1896, Morris experimentou um período de amadurecimento e radicalização em seu pensamento político.

Através de uma análise textual e contextual destas fontes, realizadas por meio da sistematização de leitura, buscamos interpretar e sintetizar as informações coletadas. Essa síntese nos permitirá identificar tendências, correlações e implicações mais amplas. Além disso, realizamos uma análise comparativa entre as ideias de Morris e as de Marx e Engels, além de autores de correntes marxistas posteriores ao período em que Morris esteve ativo.

Antes de apresentarmos os capítulos, acreditamos ser relevante evidenciar como o autor deste trabalho chegou à discussão que é aqui apresentada e desenvolvida.

Sua gênese remonta ao período em que fui estudante de *Design de Produto*. O “ponto de virada”, que se tornou também um ponto de partida, ocorreu após a leitura dos capítulos da tese do professor Iraldo Matias (2014), intitulada *Projeto e revolução: do fetichismo à gestão, uma crítica à teoria do design*, cujo capítulo “*Design, Vanguardas e Revoluções Sociais*”, em particular, despertou-me um grande interesse. Foi nele que tive contato, pela primeira vez, com uma análise mais profunda e cuidadosa sobre William Morris e sobre a escola superior de *design* e arquitetura da Bauhaus. Tais análises se distinguem da abordagem superficial de muitos autores da

área, como Rafael Cardoso (2008), que trataram, por exemplo, das pretensões estético-políticas de Morris de forma demasiado vaga.

As reflexões sobre arte, história e marxismo continuaram ao longo de minha trajetória acadêmica, ganhando novo impulso quando me tornei membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Mundos do Trabalho: Pensamento Político-Social Heterodoxo (GEPENSAH), e participei de suas atividades acadêmicas, em diferentes momentos entre 2017 e 2021.¹⁰ A partir desse envolvimento, comecei a trilhar o caminho que culmina no trabalho que agora apresento. Essas influências iniciais, longe de se terem dissipado, transformaram-se ao longo do tempo, consolidando a base das questões que aqui abordo.

Assim, no capítulo 1, expomos uma contextualização das lutas sociais e políticas europeias na primeira metade do século XIX, com foco nas lutas parlamentares, para compreender como se desenvolveram, atingindo um de seus ápices no final do século XIX, período em que Morris escreveu e divulgou as posições aqui analisadas.

No capítulo 2, apresentamos, de forma breve e sucinta, algumas ideias de Marx e Engels sobre o Estado, o Parlamento, bem como sua crítica ao reformismo e à socialdemocracia, evidenciando seu caráter não homogêneo e à aproximação de Morris com as perspectivas mais radicais.

No capítulo 3, tratamos propriamente do pensamento sociopolítico de William Morris, a partir também da sua crítica ao Parlamento, ao Estado, às reformas sociais e à socialdemocracia, por considerá-las o “tutano” de sua militância política. Ainda neste capítulo, apresentamos suas críticas ao anarquismo, mostrando como o pensador britânico não pode ser visto como um partidário desta corrente política.

Em relação à forma textual escolhida, pedimos paciência ao leitor pela quantidade de citações diretas no corpo do texto. Consideramo-las necessárias pelo fato de a maioria das passagens não terem recebido uma tradução para o português até então. Felizmente, para as restantes, pudemos contar com traduções vertidas para o castelhano e também.

¹⁰ Entre elas, os estudos sobre a Revolução Alemã intitulado “Expressões Históricas do mundo do trabalho: a autonomia proletária no século XX: A Revolução Alemã 1918-1923”; sobre os Conselhos Proletários em “Expressões institucionais do mundo do trabalho: Anton Pannekoek e o Sistema de Conselhos Proletários”; sobre o nazi-fascismo em “Expressões contrarrevolucionárias do mundo do trabalho I: o Nazi-fascismo”; bem como atividades de pesquisa e extensão envolvendo temáticas como a Revolução Russa e o Maio de 1968. Para o cinquentenário deste último, foi feito o “1º Cine GEPENSAH: 50 anos do Maio de 68 e a Autonomia Proletária”, de cuja organização participei.

A conclusão deste trabalho tem como objetivo contribuir para um maior entendimento do pensamento político de Morris, suas implicações para a história do socialismo e do marxismo, bem como sua relevância para as questões sociopolíticas atuais.

1. O PROLETARIADO EUROPEU E A POLÍTICA PARLAMENTAR: O CONTEXTO DAS LUTAS SOCIAIS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX

Pode-se afirmar que o período de consolidação da política burguesa encontra-se logo após o processo da Revolução Francesa (1789-1799).¹² De forma alguma deve-se compreender este processo de “forma linear” até os dias atuais. Afinal, a história, “não é um caminho reto pelo qual se avança de triunfo em triunfo. Infelizmente, é um longo suceder de batalhas, com sucessos recíprocos” (Leonetti, 1981, p. 24).

É preciso recordar que a burguesia foi uma classe revolucionária quando combateu a monarquia e os privilégios clericais.¹³ O “republicanismo” e a democracia burguesa radical foram, então, concepções políticas revolucionárias. Todavia, as vitórias do movimento revolucionário burguês sofreram avanços e reveses na luta contra a política do Antigo Regime. É nas décadas de 1830 e 1840 onde se encontra com mais nitidez essas reações. A Monarquia de Julho (1830-1840) em França e o governo belga de 1831 são alguns exemplos de como o governo da ordem pôde apropriar-se de elementos do parlamentarismo burguês e introduzi-los num sistema monárquico. Trata-se das monarquias constitucionais, ou monarquias parlamentares (Moraes, 2021a). O historiador britânico Eric Hobsbawm fala-nos dessa contradição: “A Revolução de 1830 introduziu constituições moderadamente liberais

¹² Como afirma Hobsbawm: “Se a economia do mundo do século XIX foi formada principalmente sob a influência da revolução industrial britânica, sua política e ideologia foram formadas fundamentalmente pela Revolução Francesa” (Hobsbawm, 2022, p. 97). Noutro texto, sustenta que ambas as revoluções “implicaram o triunfo de uma nova sociedade, mas se ela deveria ser a sociedade do capitalismo liberal triunfante ou aquilo que um historiador francês chamou de ‘os burgueses conquistadores’, parecia ainda mais incerto para os contemporâneos do que parece para nós. Atrás dos ideólogos políticos burgueses estavam as massas, prontas para transformar revoluções moderadamente liberais em revoluções sociais” (*Idem*, 2021, p. 22).

¹³ Na *Miséria da Filosofia*, Marx afirma que “Na burguesia, devemos distinguir duas fases: aquela durante a qual ela se constituiu como classe, sob o feudalismo e a monarquia absoluta, e aquela em que, já constituída como classe, derrubou o feudalismo e a monarquia para fazer da sociedade uma sociedade burguesa” (Marx, 2017, p. 146).

antidemocráticas mas também claramente antiaristocráticas – nos principais Estados da Europa ocidental” (Hobsbawm, 2022, p. 462).

Como resposta a esse movimento, a década de 1830 testemunhou revoltas e revoluções populares que se estenderam por toda a Europa. Durante a década de 1830, destaca-se as revoltas nas cidades de Paris e Bruxelas, assim como no Império Russo, na península itálica e nos Estados da Confederação Alemã (Moraes, 2021a). Logo após esse período, as lutas continuaram a se intensificar, dando origem a novas ideias e correntes políticas.

Assim, mesmo com todos estes reveses, as instituições burguesas – como os sistemas judiciários, poderes executivos, forças policiais e o próprio parlamento – mostraram que haviam chegado para ficar.

Diante desse processo de consolidação, a incipiente classe proletária europeia da primeira metade do século XIX reagiu das mais variadas formas. Ausentes das instituições de poder, o proletariado europeu viu-se refém da arbitrariedade das classes dominantes. Compreende-se, assim, a sua luta pelo voto e pela disputa de cargos políticos – a fim de que suas pautas e demandas fossem ouvidas e quiçá aprovadas e institucionalizadas. Deve-se lembrar, por exemplo, da luta dos cartistas na Inglaterra pela “reforma radical do processo eleitoral e mudanças no próprio funcionamento do Parlamento” (Moraes, 2021b, p. 69). Thompson, por sua vez, aponta-nos que, na Inglaterra da década de 1830, “a reivindicação do direito de voto implicava também em outras reivindicações: uma nova forma de os trabalhadores tentarem alcançar o *controle social* sobre suas condições de vida e trabalho” (Thompson, 2012b, p. 594, itálicos no original).

Em termos sociológicos, podemos afirmar com o sociólogo francês Pierre Bourdieu que o parlamento, enquanto instituição burguesa, é “esse espaço jurídico constituído e juridicamente controlado, dentro do qual os conflitos são regulados, e pode-se dizer que a política oficial é o que pode ser discutido no Parlamento” (Bourdieu, 2014, p. 463). Trazendo o fenômeno da luta de classes em sua análise, o sociólogo fala-nos que a questão parlamentar foi “um problema que obcecou o mundo operário durante todo o século XIX” (*Ibidem*, p. 463).¹⁴

¹⁴ Depois deste trecho, ele afirma mais detalhadamente: “acaso se deve aderir ao jogo parlamentar ou ficar fora dele? Essas discussões mereceriam, aliás, uma análise histórica desbanalizadora como a que tentei fazer: será que se entra no jogo ou será que não se entra no jogo? Será que se recorre à greve e à manifestação ou será que se recorre à mediação de parlamentares? Esses debates foram esquecidos, mas o que deles resulta permanece em nosso inconsciente e em

A partir da década de 1840, principalmente após a chamada Primavera dos Povos,¹⁵ as reivindicações parlamentares passaram a ter menos consenso entre o proletariado europeu. Uma parte da classe entendia que ainda era necessário disputar esse “jogo” (tal como chamou Bourdieu) para se mudar suas “regras” por dentro das instituições. Uma outra fração da classe, mais radical, entendia que as energias não deveriam ser direcionadas para mudar as “regras do jogo”, mas o “jogo” em si. Nessa década, os anarquistas de influência proudhoniana¹⁶ e os marxistas reforçaram seu apoio a esta última tática. A posição marxista, por exemplo, tornou-se mais conhecida a partir do célebre *Manifesto Comunista* de 1848.

É justamente a partir deste período, da segunda metade da década de 1840, que o socialismo e o comunismo passam a ser finalidade consciente da classe proletária revolucionária.¹⁷ Como salientamos acima com Bourdieu (2014), os meios para se chegar a esses fins foram motivos de embate e desavença dentro do movimento proletário durante todo o século XIX.

No último quartel desse século, na Grã-Bretanha, William Morris participou desse embate a favor do antiparlamentarismo, por considerar as disputas eleitorais um meio inadequado para concretizar a revolução e o comunismo.

nossas instituições” (Bourdieu, 2014, p. 463). A noção bourdieusiana de “jogo” deve ser entendida enquanto “conjunto de atividades reguladas realizadas por agentes que se orientam uns em relação aos outros em determinado espaço social” (Seidl, 2017, p. 241). Para uma crítica sociológica bourdieusiana da representatividade parlamentar, cf. Bourdieu (2004).

¹⁵ Segundo Hobsbawm: “Tem havido um número de grandes revoluções na história do mundo moderno, e certamente muitas delas foram bem-sucedidas. Mas nunca houve uma que se tivesse espalhado tão rápida e amplamente, alastrando-se como fogo na palha por sobre as fronteiras, países e mesmo oceanos” (Hobsbawm, 2021, p. 31). Para uma explicação mais pormenorizada acerca da Primavera dos Povos, cf. Hobsbawm (2021, p. 31-56).

¹⁶ Joseph-Pierre Proudhon, provavelmente o mais importante teórico do anarquismo ao lado de Bakunin, declarou: “Nem monarquia, nem aristocracia, nem mesmo democracia, pois que este terceiro termo implicaria um governo qualquer, agindo em nome do povo, e dizendo-se povo. Nada de autoridade, nada de governo, mesmo popular: eis a revolução” (Proudhon, 2014, p. 79). Mais adiante, reforça: “E dizer que há entre nós democratas que pretendem que o governo prevaleça; socialistas que sustentam esta ignomínia em nome da liberdade, da igualdade e da fraternidade; proletários que admitem sua candidatura à presidência da República! Hipocrisia!... Com a revolução é outra coisa” (*Ibidem*, p. 96). E também: “Que o Estado seja intitulado de império, de monarquia, de república, de democracia ou de comunidade é evidentemente sempre a mesma coisa” (*Ibidem*, p. 137). Embora, nessa obra, seja enfático com sua crítica, esta última passagem demonstra seu caráter a-histórico (algo que Marx já havia apontado em *Miséria da Filosofia*). Ao comentar sobre esta obra de Marx, Thompson afirma que o pensador alemão viu as posições de Proudhon “como a heresia da metafísica. Tudo é apresentado, não na análise da realidade social e histórica, mas sim como uma sequência de categorias lógicas abstratas” (Thompson, 2021, p. 187).

¹⁷ Pode-se dizer que 1848 foi um marco para a história das revoluções por ter sido “a primeira revolução na qual socialistas ou, mais precisamente, os comunistas (...) apareceram na frente da cena desde o início” (Hobsbawm, 2021, p. 52).

Antes de passarmos à análise das ideias publicadas nesse período, vejamos mais de perto como os precursores do socialismo trataram dessas questões a partir da segunda metade do século XIX.

2. O ANTIESTATISMO, O ANTIPARLAMENTARISMO E A CRÍTICA DO REFORMISMO EM MARX E ENGELS

Entre os precursores do socialismo, observam-se críticas contundentes ao Estado, ao Parlamento e aos partidos políticos reformistas, especialmente os socialdemocratas. Um exemplo marcante dessas críticas é encontrado no jovem Marx, que nas *Glosas críticas marginais ao artigo “O rei da Prússia e a reforma social”*, afirmou: “essa escravidão da sociedade civil é o fundamento natural em que se apoia o Estado moderno, assim como a sociedade civil da escravidão era o fundamento no qual se apoiava o Estado antigo” (Marx, 2010a, p. 60). Já no célebre *Manifesto Comunista* de 1848, Marx e Engels reiteraram essa crítica ao apontar que

A burguesia, com o estabelecimento da grande indústria e do mercado mundial, conquistou, finalmente, a soberania política exclusiva no Estado representativo moderno. O executivo no Estado moderno não é senão um comitê para gerir os negócios comuns de toda a classe burguesa (Marx; Engels, 2010, p. 42).

Dessa forma, apesar das ambiguidades, as bases teóricas e materiais para a crítica marxista do Estado e do Parlamento burguês foram solidamente conhecidas.¹⁸

Já na sua fase madura, Marx direcionou críticas incisivas às tentativas de aliança entre socialismo e Estado. Isso é evidente em sua *Crítica do Programa de Gotha* (Marx, 2012), onde denuncia concessões reformistas incompatíveis com os princípios revolucionários. Uma das mais contundentes críticas à essa política defendida pela socialdemocracia surge em *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*, onde ele descreve:

O caráter peculiar da social-democracia se resumia aos seguintes termos: reivindicavam-se instituições republicanas democráticas, não como meio de suprimir dois extremos, o capital e o trabalho assalariado, mas como meio de atenuar a sua contradição e transformá-la em harmonia. Quaisquer que sejam as medidas propostas para alcançar esse propósito, por mais que ele seja ornado com concepções mais ou menos revolucionárias, o teor

¹⁸ Afirmamos “solidamente” pois, antes de 1848, o jovem Karl Marx já havia escrito críticas virulentas ao Estado e suas instituições. Veja-se as refinadas críticas ao Estado nas obras *Crítica da filosofia do Direito de Hegel* e *Sobre a questão judaica*, ambas escritas em 1843.

permanece o mesmo. Esse teor é a modificação da sociedade pela via democrática, desde que seja uma modificação dentro dos limites da pequena-burguesia (Marx, 2011b, p.63).

Entretanto, a posição de Marx sobre os meios revolucionários não é isenta de ambiguidade, ainda que seja menos frequente do que em Engels. Em seu discurso no Congresso de Haia, em 1872, Marx parece admitir a possibilidade de uma conquista pacífica do poder proletário em alguns países de capitalismo mais avançado, mas ressalta que, no contexto europeu mais amplo, a força seria indispensável:

existem países como a América, a Inglaterra, e se conhecesse melhor as vossas instituições, acrescentaria Holanda, onde os trabalhadores podem atingir o seu objetivo por meios pacíficos. Se isto é verdade, também devemos reconhecer que na maior parte dos países do continente a força é que deve ser alavanca das nossas revoluções; é a força que se terá de fazer apelo por algum tempo a fim de estabelecer o reino do trabalho (Marx, 1983, p. 320).

Engels, no entanto, demonstrou uma maior ambiguidade acerca de suas posições sobre o Estado, o parlamento e os partidos. Em 1880, fez uma arguta e antecipadora crítica ao Estado moderno em seu *Do socialismo utópico ao socialismo científico*, como atesta esta passagem:

por seu turno, [o Estado] é apenas a organização que a sociedade burguesa a si própria deu para manter de pé as condições exteriores gerais do modo de produção capitalista, contra abusos tanto dos operários como dos capitalistas individuais. O Estado moderno, seja qual for a sua forma, é uma máquina essencialmente capitalista, é o Estado dos capitalistas, o capitalista total ideal [*der ideelle Gesamtkapitalist*] (Engels, 1985, p. 161, itálicos no original).

E em sua introdução à obra *A Guerra Civil na França*, datada de 1891, reforça essa crítica: “o Estado não é mais do que uma máquina para a opressão de uma classe por outra, e isso vale para a república democrática não menos que para a monarquia” (Engels, 2011, p. 197). No entanto, poucos anos depois, em seu prefácio de 1895 ao livro *As Lutas de Classes na França*, ele sugere possibilidades de luta por meios democráticos, parlamentares e estatais:

Esse uso bem-sucedido do direito de voto universal efetivou um modo de luta bem novo do proletariado e ele foi rapidamente aprimorado. O proletariado descobriu que as instituições do Estado, nas quais se organiza o domínio da burguesa, admitem ainda outros manuseios com os quais a classe trabalhadora pode combatê-las. Ele participou de eleições para as assembleias estaduais, para os conselhos comunais, para as cortes profissionais, disputando com a burguesia cada posta em cuja ocupação uma parcela suficiente do proletariado tinha direito à manifestação. E assim

ocorreu que a burguesia e o governo passaram a temer mais a ação legal que a ilegal do partido dos trabalhadores, a temer mais os sucessos da eleição que os da rebelião (Engels, 2011, p. 22).

Essa postura reformista de Engels na fase final de sua vida explica, em parte, o desentendimento que teve com Morris na década de 1880 e 1890. Além disso, essas ideias da fase madura de Engels foram posteriormente adotadas e desenvolvidas pelos teóricos do Partido Socialdemocrata Alemão, liderado por Karl Kautski, e também pela Segunda Internacional.¹⁹ Na década de 1910, a marxista polonesa Rosa Luxemburgo polemizou e criticou as posições da socialdemocracia alemã, enquanto a Segunda Internacional rejeitou duas obras marxistas notáveis devido às suas ideias radicais e revolucionárias, referimo-nos a *Marxismo e filosofia*, do filósofo alemão Karl Korsch e *História e consciência de classe*, do filósofo húngaro Georg Lukács.²⁰

Dessa forma, Morris se manteve coerente com uma tradição radical e crítica do marxismo que só floresceria no século XX. Como já afirmamos, a sua oposição ao reformismo e à socialdemocracia antecipou questões que se tornariam centrais no início desse século (Thompson, 1988c).

Passemos agora aos textos do maduro Morris no período de 1885 a 1894, onde estas suas críticas aparecem mais nitidamente.

3. O PENSAMENTO POLÍTICO DO MADURO WILLIAM MORRIS

Antes de passarmos à reflexão acerca do pensamento político do maduro Morris, apresentaremos uma breve biografia do autor.

Morris nasceu em Londres em 1834 (Botto, 2003a), em um período marcado pelo acelerado ritmo de mudanças sociais e econômicas, sobretudo, na Grã-Bretanha (Hobsbawm, 2022). Essas mudanças eram evidentes no crescimento populacional,

¹⁹ Maurício Tragtenberg destaca a atualidade dos problemas suscitados pela Socialdemocracia: "A discussão da opção que a social-democracia oferece aos trabalhadores é profundamente atual, pois a social-democracia não desapareceu com o fim da Segunda Internacional em 1914. Já bem antes disso, através de seus teóricos conhecidos como revisionistas, Kautski, Bernstein e Juarès, adotara a luta parlamentar como o espaço privilegiado de oposição, o gradualismo por meio das reformas parciais, e a conquista de direitos sociais como sua finalidade" (Tragtenberg, 2008, p. 37).

²⁰ Para uma análise mais aprofundada da controvérsia gerada por essas obras e suas implicações posteriores, cf. Zizek (2003). Quase meio século após sua primeira publicação, na fase mais madura de sua carreira, Lukács também criticará as ideias apresentadas em sua obra de juventude, conforme evidenciado em prefácio escrito em 1967 (Lukács, 2012).

na industrialização e na reconfiguração urbana que ocorriam em praticamente todos os países da Europa Central e das Ilhas Britânicas.

Segundo Mario Elia (1977), a vida e pensamento de Morris podem ser divididos em quatro períodos. O primeiro, de formação cultural que vai até os seus vinte anos - quando recebe influências da literatura medieval e dos escritos do crítico de arte John Ruskin. O segundo, que vai até seus quarenta anos, quando começam seus primeiros compromissos políticos. O terceiro, de formação política e contato mais frequente com textos de marxistas e anarquistas. E o quarto e último, caracterizado pela sua atividade política intensa.

Embora neste trabalho nos propomos a tratar das ideias sociopolíticas da última fase de Morris, em específico de sua crítica do reformismo em geral, consideramos importante esclarecer que os dois conceitos que serão aqui utilizados (parlamento e Estado) partem de sua definição e manifestação concreta realizadas na Idade Contemporânea.²¹

Dentro desses moldes, é novamente Pierre Bourdieu quem nos oferece uma instigante definição sociológica, histórica e política do parlamento, mostrando como seu surgimento está atrelado ao do Estado:

Em especial, o que me parece como as duas condições da produção do cidadão, a saber, a constituição de um Estado como território juridicamente regulado e a constituição de um lugar de exercício regulado dos direitos associados ao pertencimento ao Estado (o Parlamento), surgem ao mesmo tempo. Desenvolvo muito rapidamente este segundo ponto: ao lado do surgimento de um espaço jurídico como conjunto de cidadãos ligados por direitos e deveres ao Estado e entre si, é preciso ter em conta o aparecimento do Parlamento como local de um consenso organizado, ou melhor, como local de um dissenso regulado (Bourdieu, 2014, p. 461).

Morris contribuiu para as ideias políticas com uma perspectiva mais radical sobre o parlamento e o Estado, o que lhe gerou muitas vezes a rotulação de anarquista. No entanto, a análise de seus textos e discursos evidenciam algo distinto. Por exemplo, em seu texto *Como me tornei socialista*, ele faz um balanço de sua aproximação com o socialismo e seu contato com o marxismo (Morris, 2003c). Acreditamos que este polímata inglês pode ser classificado como um marxista, tal

²¹ Poder-se-ia fazer uma longa digressão histórica em relação à origem do Estado, tratando da sua gênese a partir da polis grega na Antiguidade, desde os escritos de Tucídides, Platão e Aristóteles (Veiguiha, 2022a). Ou, tratando de sua gênese a partir de seus principais teóricos modernos como Maquiavel e Hobbes (*Idem*, 2022c, 2022e). Da mesma forma, se se fosse tratar da gênese do Parlamento, poder-se-ia partir dos pensadores modernos John Locke e Montesquieu (*Idem*, 2022b, 2022d).

como afirmou Thompson (1988f), com uma forte inclinação em direção ao marxismo heterodoxo. Vejamos na próxima seção como essas posições e críticas aparecem em seus escritos.

3.1. O ANTIPARLAMENTARISMO E A CRÍTICA DO REFORMISMO

No século XIX, Morris foi um dos revolucionários pioneiros do antiparlamentarismo (Aldred, 1940). De fato, o polímata inglês dedicou importantes escritos à questão e orientou sua militância madura tanto na Liga Socialista quanto na Liga Socialista de Hammersmith por meio dessa concepção política (Thompson, 1988b, 1988c; Botto, 2003a).

Antes, é preciso pontuar que a concepção e militância antiparlamentares de Morris não formam um todo homogêneo e coerente. Em seu importante estudo, Thompson (1988a) demonstrou como, nos últimos anos de sua vida, o polímata inglês contrariou muito de seus escritos anteriores.

Acreditamos que tal contradição, ou ambiguidade, em nada altera o caráter revolucionário e a pertinência das suas posições mais críticas e radicais. Afinal, muitos pensadores com uma longa trajetória teórica – tal como os próprios Karl Marx e Friedrich Engels – não foram isentos de contradições. As contradições de Marx, por exemplo, geraram inúmeras interpretações e, conseqüentemente, inúmeras correntes intelectuais e políticas que reivindicam, até hoje, a “interpretação correta” de suas ideias. O filósofo franco-grego Cornelius Castoriadis foi categórico quando afirmou que “Marx é um autor particularmente difícil (...) É um autor que escreveu muitíssimo, e cujos escritos não são nem muito homogêneos nem muito coerentes, um autor muito complexo e, enfim, antinômico” (Castoriadis, 2002, p. 81). Tomadas as devidas proporções, acreditamos que esta ideia pode ser aplicada para o caso dos escritos de Morris acerca do antiparlamentarismo.

Começemos com um texto de 1885, publicado em *Commonweal*, jornal oficial da Liga Socialista, intitulado *Socialism and Politics – An answer to another view* (Socialismo e Política – Uma resposta à outra visão). Este artigo tinha como objetivo responder à carta de R. F. E. Willis e ao mesmo tempo expor brevemente suas ideias antiparlamentares. Logo no início deste artigo, ele afirma: “acho que os socialistas não devem hesitar em escolher entre o parlamentarismo e a agitação revolucionária”

(Morris, 1994d, p. 98, tradução nossa)²² – colocando-se partidário desta última. Explica que “o objetivo das instituições parlamentares é a preservação da sociedade em sua forma atual – livrar-se de defeitos na máquina para mantê-la funcionando” (*Ibidem*, p. 98, tradução nossa).²³ Sua crítica do parlamentarismo está intrinsicamente relacionada à sua crítica do reformismo. Neste texto, o polímata britânico faz uma comparação elucidativa: “Este é o curso regular da legislação parlamentar, que age como um médico tentando curar seu paciente atacando os sintomas e deixando a causa da doença sozinha” (*Ibidem*, p. 99, tradução nossa).²⁴ Suas palavras lembram-nos a analogia que também foi usada por Karl Marx.²⁵

Para Morris, aqueles que ocupavam cargos no parlamento eram entendidos como uma espécie de “classe estatal”, que crescia e se fortalecia por meio desse sistema de medidas paliativas (outra forma que ele usava para nomear o parlamentarismo). Para ele, essa “classe estatal” era uma nova classe média que serviria

para atuar como um amortecedor entre o proletariado e seus mestres diretos e óbvios; a única esperança da burguesia para retardar o avanço do Socialismo está neste dispositivo. (...) Que sociedade seria essa, cujo principal suporte seriam capitalistas disfarçados de trabalhadores! O fim último da civilização será a ampliação perpétua das classes médias? Acho que se nosso amigo soubesse tão bem quanto eu a terrível degradação mental de nossas classes médias, sua hipocrisia, sua covardia, sua falta de alegria, isso o assustaria de tentar usar seu amado instrumento de melhoria – o Parlamento” (Morris 1994d, p. 99-100, tradução nossa).²⁶

²² “(...) I think that Socialists ought not to hesitate to choose between Parliamentaryism and revolutionary agitation” (Morris, 1994d, p. 98).

²³ “(...) the object of Parliamentary institutions is the preservation of society in its present form — to get rid of defects in the machine in order to keep the machine going” (*Ibidem*, p. 98).

²⁴ “This is the regular course of Parliamentary legislation, which acts like a doctor trying to heal his patient by attacking the symptoms and letting the cause of disease alone” (*Ibidem*, p. 98).

²⁵ “Ao mesmo tempo, e ainda abstraindo totalmente a escravização geral que o sistema de trabalho assalariado implica, a classe operária não deve exagerar, a seus próprios olhos, o resultado final dessas lutas diárias. Não deve se esquecer de que luta contra os efeitos, mas não contra as causas desses efeitos; que luta para retardar o movimento descendente, mas não para mudar sua direção; que aplica paliativos, mas não cura a enfermidade” (Marx, 2010b, p. 141).

²⁶ “(...) towards the creation of a new middle class to act as a buffer between the proletariat and their direct and obvious masters; the only hope of the bourgeois for retarding the advance of Socialism lies in this device. Let our friend think of a society thus held together. Let him consider how sheepishly the well-to-do workers to-day offer themselves to the shearer; and are we to help our masters to keep on creating fresh and fresh flocks of such sheep? What society that would be, the main support of which would be capitalists masquerading as working men! Shall the ultimate end of civilization be the perpetual widening of the middle classes? I think if our friend knew as well as I do the terrible mental degradation of our middle-classes, their hypocrisy, their cowardice, their joylessness, it would scare him from attempting to use their beloved instrument of amelioration — Parliament” (Morris, 1994d, p. 99-100).

Neste trecho, Morris adianta-se a uma questão que, devido ao seu momento histórico, não poderia desenvolver com maior rigor e especificidade: o fenômeno da burocratização e a constituição dos gestores enquanto classe social capitalista. Devido aos limites deste trabalho, não trataremos com detalhe acerca da chamada classe dos gestores e dos autores que a investigaram. Contudo, apontamos, resumidamente, que um dos fatores de diferenciação entre a classe dos gestores e a classe burguesa se dá “pelas superestruturas jurídicas e ideológicas que lhes correspondem” (Bernardo, 2009a, p. 269). Nessa lógica, a administração pública constitui um dos quadros privilegiados da atividade dos gestores (Oliveira, 2008, p. 166). Além disso, o fato de a burguesia ser a classe proprietária dos meios de produção, enquanto a classe dos gestores cumpre o papel de proprietários coletivos e de controle desses meios de produção. Em diferentes artigos de Morris, pode-se encontrar uma aproximação a essas ideias.²⁷

Assim, opondo-se a contribuir para o fomento dessa classe gestorial, entendida como “classe estatal”, Morris propõe a agitação revolucionária. Ele a expõe da seguinte maneira: “O trabalho que está diante de nós no momento é fazer socialistas, cobrir o país com uma rede de associações compostas por homens que sentem seu antagonismo às classes dominantes” (Morris, 1994d, p. 100, tradução nossa).²⁸ Para o polímata, estava claro que não poderia haver socialismo sem antes haver socialistas. Num artigo de 1888 intitulado *The Policy of the Socialist League*, também publicado no jornal *Commonweal*, ele nos apresenta como a agitação e educação revolucionárias são incompatíveis com a política parlamentar, afirmando “a impossibilidade de a propaganda por meio da campanha eleitoral coexistir com a propaganda educacional no *mesmo corpo* para qualquer bom propósito. Aqueles que sustentam os dois conjuntos de ideias irão e devem atrapalhar-se mutuamente” (Morris, 1994g, p. 362, tradução nossa).²⁹

²⁷ Por exemplo, em 1890, ele afirma: “Tudo o que foi conseguido foi criar uma classe média maior e mais próspera, que consiste em parte nos empregadores diretos, isto é, nos proprietários, e em parte naqueles que gerem o prazer e o luxo dos proprietários” (Morris, 2014b, p. 67, itálicos no original, tradução nossa).

²⁸ “The work that lies before us at present is to make Socialists, to cover the country with a network of associations composed of men who feel their antagonism to the dominant classes” (Morris, 1994d, p. 100).

²⁹ “The Council of the Socialist League therefore feels itself bound frankly to point out the impossibility of propaganda by electioneering coexisting with the educational propaganda in the same body to any good purpose. Those holding the two sets of ideas will and must mutually hamper each other” (Morris, 1994g, p. 362).

Além de escrever frequentemente para o jornal, Morris também realizava discursos públicos. Um ano antes da publicação de *The Policy of the Socialist League*, proferiu uma conferência a respeito de sua proposta política, a qual denominou de *The Policy of Abstention* (A Política de Abstenção). Aqui há uma explicação mais pormenorizada de seu antiparlamentarismo. Sua exposição inicia-se com o seguinte raciocínio: qual é o consenso mínimo entre os socialistas? Sua resposta é a transformação dos “meios de produção de propriedade privada em propriedade comum” (Morris, 2012b, p. 434, tradução nossa).³⁰ Tal concepção trivial, estava já presente nos textos dos jovens Marx e Engels.³¹

Em seguida, trata das consequências amplas da revolução do modo de produção:

Não podemos deixar de especular sobre quais seriam as consequências da mudança e como ela afetaria o que restaria de nossa civilização, não apenas no que diz respeito à produção de riqueza, mas também à religião, à moral, à relação entre os sexos, aos métodos de governo ou administração e, em suma, a toda a vida social (Morris, 2012b, p. 434-435, tradução nossa).³²

Devido à sua adesão ao marxismo, Morris compreendeu como a estrutura econômica de uma sociedade determina sua superestrutura sem cair, todavia, no equívoco do “economicismo”. Ao contrário, foi um crítico dessa concepção como nos mostra um de seus artigos de 1888, intitulado *On some ‘practical’ socialists* (Sobre alguns socialistas ‘práticos’). Nele, coloca que: “A outra armadilha geralmente assola o caminho do mesmo tipo de socialista (...); é a absorção muito completa na visão econômica do socialismo e a ignorância de todos os seus outros aspectos” (Morris, 1994b, p. 337, tradução nossa).³³ Neste mesmo artigo, ele mostra não ignorar as transformações advindas duma revolução do modo de produção, enfatizando o que proferira um ano antes: “Certamente eles devem admitir que uma mudança estupenda na maquinaria da vida como a abolição do capital e dos salários deve trazer uma

³⁰ “(...) the means of production from individual into common property” (Morris, 2012b, p. 434).

³¹ Cf. Marx (2011b); Engels (2021).

³² “We cannot help speculating on what would be the consequences of the change, and how it would affect what would be left of our civilization, not only as to the production of wealth, but also as to religion, morals, the relation between the sexes, the methods of government or administration, and in short the whole of social life” (Morris, 2012b, p. 434-435).

³³ “The other trap generally besets the way of the same kind of Socialist (...); it is the too entire absorption in the economic view of Socialism, and the ignoring of all its other aspects” (Morris, 1994b, p. 337).

mudança correspondente na ética e nos hábitos da vida” (*Ibidem*, p. 338, tradução nossa).³⁴

Ademais, embora tenha colocado a questão da propriedade privada, para o pensador britânico a revolução não se limita à sua transformação em propriedade comum. Para ele,

aqueles que limitam a revolução do Socialismo à abolição da propriedade privada meramente nos meios de produção contemplam uma sociedade na qual a produção estará sob a tutela do Estado; em que o estado centralizado traçaria arbitrariamente a linha onde a propriedade pública termina e a propriedade privada começa, interferiria na herança e na acumulação de riqueza e, de muitas maneiras, agiria como um mestre e tomaria o lugar dos antigos mestres (Morris, 2012b, p. 435-436, tradução nossa).³⁵

Essas linhas de Morris parecem proféticas se tomamos o processo revolucionário desencadeado na Rússia vinte e nove anos depois.³⁶ Aliás, essa sua noção é retomada em seu artigo de 1890, chamado *The ‘Eight Hours’ and the Demonstration* (As ‘oito horas’ e a Manifestação), em que afirma “o negócio do Socialismo [é] destruir o Estado e colocar a Sociedade Livre em seu lugar. Mas Socialismo de Estado nas mãos de um departamento burocrático – isso é de fato um estranho nascimento de compromisso e ‘moderação’” (Morris, 1994f, p. 479, tradução nossa).³⁷ Pela sua crítica ao socialismo (de Estado), a questão da abolição da propriedade privada é investigada de forma distinta.

³⁴ “Surely they must allow that such a stupendous change in the machinery of life as the abolition of capital and wages must bring about a corresponding change in ethics and habits of life” (*Ibidem*, p. 338). Em 1951, Thompson proferiu um discurso sobre *William Morris and the Moral Issues Today* (William Morris e as questões morais de hoje), no qual concluiu: “William Morris disse: ‘É para incitá-los a não se contentarem com pouco que estou aqui esta noite’. Esse é o trabalho que temos que fazer. Se desejamos salvar as pessoas da macha crescente da morte, então devemos conquistá-las para a vida. Não esperamos que um novo tipo de pessoa apareça até que o socialismo tenha sido conquistado, assim como não esperamos que o marxismo surja dentro de uma sociedade comunista. Devemos mudar as pessoas *agora*” (Thompson, 1951, itálicos no original, tradução nossa).

³⁵ “(...) those who limit the revolution of Socialism to the abolition of private property merely in the means of production do contemplate a society in which production shall be in tutelage to the state; in which the centralized state would draw arbitrarily the line where public property ends and private property begins, would interfere with inheritance and with the accumulation of wealth, and in many ways would act as a master, and take the place of the old masters” ((Morris, 2012b, p. 435-436).

³⁶ Segundo o historiador português João Bernardo, para o “marxismo das forças produtivas”, “O fim do capitalismo não decorreria, segundo tal ponto de vista, de uma ruptura social, mas de uma evolução estritamente material”. Essa “mesma concepção de desenvolvimento evolutivo das forças produtivas (...), permitia, além disso, que a concentração da atividade econômica e a superação jurídica da propriedade privada se confundissem com o socialismo. Se fosse certo que o acréscimo gradual das forças produtivas levava ao socialismo, entendido como mera estatização da propriedade, ficava resolvido o paradoxo que consistia em enaltecer o desenvolvimento das instituições capitalistas em nome do messianismo de uma sociedade sem classes” (Bernardo, 2022, p. 60).

³⁷ “(...) that it is the business of Socialism to destroy the State and put Free Society in its place. But State Socialism in the hands of a bureaucratic department — that is indeed a strange birth of compromise and ‘moderation’” (Morris, 1994f, p. 479).

Por isso, no artigo *The Policy of the Socialist League*, diferencia sua forma de conceber o fim da propriedade privada com a de outros socialistas, para quem a abolição da propriedade privada é o fim último: “alguns socialistas acreditam que este primeiro passo, a abolição do monopólio nos meios de produção é a *finalidade* do socialismo” (Morris, 1994g, p. 360, *italicos no original, tradução nossa*).³⁸

Seu artigo *The Policy of Abstention*, portanto, iniciou-se tratando do consenso mínimo entre socialistas e as consequências da revolução do modo de produção. Mas, para o autor, é nítido que mesmo que se tenha os mesmos interesses, ou fins, os meios para se alcançá-los diferenciam-se essencialmente, assim como suas consequências. Através desse raciocínio, Morris entende que há os socialistas (de Estado) e os comunistas:

os primeiros estão preparados para aceitar como uma necessidade um governo central todo-poderoso e autoritário, uma versão reformada, pode-se dizer, do governo estadual atualmente existente; enquanto os comunistas, embora não tenham a clareza sobre o que tomará o lugar disso nesse meio tempo, pelo menos têm clareza de que quando o hábito da vida social for estabelecido, nada do tipo de governo central autoritário será necessário ou tolerado (*Ibidem*, p. 437, *tradução nossa*).³⁹

Após a exposição e reflexão desse “consenso mínimo”, o polímata mostra-nos como os meios e os fins diferenciam os comunistas dos socialistas (de Estado), apresentando e criticando os meios usados pelos últimos, a saber: o reformismo e o parlamentarismo.⁴⁰ Resume, então, os diferentes meios:

Os socialistas moderados ou aqueles que não conseguem ver nada além do período de transição, portanto, acreditam no que pode ser chamado de um sistema de reformas cumulativas como o meio para o fim; reformas que devem ser realizadas por meio do Parlamento e de um executivo burguês, o único poder legal existente atualmente, enquanto os comunistas acreditam que seria uma perda de tempo para os socialistas gastarem sua energia em promover reformas que, longe de nos aproximar do socialismo, serviriam para reforçar o atual estado de coisas; e não acreditando na eficácia das reformas, eles não conseguem ver razão para tentar usar o Parlamento de nenhuma forma; exceto talvez segurando-o como um exemplo para mostrar o quão desprezível pode ser um corpo que se apresenta como representante de uma nação inteira e que realmente não representa nada além da firme

³⁸ “(...) some Socialists believe this first step, the abolition of monopoly in the means of production is the end of Socialism” (Morris, 1994g, p. 360).

³⁹ “(...) the former are prepared to accept as a necessity a central all-powerful authoritative government, a reformed edition, one may say, of the state government at present existing; whereas the Communists, though they are not clear as to what will take the place of that in the meanwhile, are at least clear that when the habit of social life is established, nothing of the kind of authoritative central government will be needed or endured” (*Ibidem*, p. 437).

⁴⁰ Na década de 1920, o revolucionário e astrofísico holandês Anton Pannekoek perceberá, igualmente, “a separação profunda entre comunismo e socialdemocracia, tanto em termos espirituais quanto organizativos” (Pannekoek, 2005, p. 223, *tradução nossa*).

determinação da classe privilegiada e monopolista de se apegar a seus privilégios e monopólios até que sejam *forçados* a renunciar a eles” (*Ibidem*, p. 437-438, itálicos no original, tradução nossa).⁴¹

Portanto, para ele, os comunistas deveriam usar como meio a abstenção ao voto acompanhada de agitação e propaganda revolucionárias. Morris sabia que esse era um meio menos convidativo, cujos resultados demorariam muito mais para serem percebidos: “Isso sem dúvida parece para muitos um trabalho enfadonho, que não oferece recompensa a nenhum de nós em termos de notoriedade ou posição” (*Ibidem*, p. 438, tradução nossa).⁴²

Em 1888, no artigo *The Policy of the Socialist League*, retoma essa questão do meio revolucionário:

Há outros socialistas, no entanto, e eles são numerosos o suficiente, que não estão contentes com o trabalho lento e paciente de fazer os trabalhadores entenderem sua posição e os remédios para ela. Eles não podem acreditar que algo está sendo feito a menos que tentativas estejam sendo feitas para colocar socialistas no Parlamento e outros corpos eleitos; embora esteja claro que esses corpos são a expressão mais direta do poder de nossos inimigos e sua intenção de reprimir todas as tentativas de regeneração da sociedade; embora a aprovação de medidas paliativas seja o máximo que se poderia esperar dos socialistas no Parlamento (Morris, 1994g, 361-362, tradução nossa).⁴³

A visão marxista não ortodoxa de Morris pode ser encontrada tanto em *The Policy of Abstention* quanto em *The Policy of the Socialist League*. Neste último, propõe, conjuntamente, uma prática não sectária entre outros socialistas, ou seja, uma cooperação apesar das divergências: “da maneira mais cordial possível com outros

⁴¹ “The moderate Socialists or those who can see nothing but the transitional period therefore, believe in what may be called a system of cumulative reforms as the means towards the end; which reforms must be carried out by means of Parliament and a bourgeois executive, the only legal power at present existing, while the Communists believe that it would be [a] waste of time for the Socialists to expend their energy in furthering reforms which so far from bringing us nearer to Socialism would rather serve to bolster up the present state of things; and not believing in the efficacy of reforms, they can see no reason for attempting to use Parliament in any way; except perhaps by holding it up as an example to show what a contemptible thing a body can be which poses as the representative of a whole nation, and which really represents nothing but the firm determination of the privileged or monopolist class to stick to their privilege and monopoly till they are *forced* to relinquish it” (*Ibidem*, p. 437-438, itálicos no original).

⁴² “(...) This no doubt seems to many a dull job, offering no rewards to any of us in the way of notoriety or position” (*Ibidem*, p. 438).

⁴³ “There are other Socialists, however, and they are numerous enough, who are not contented with the slow and patience-trying work of getting the workers to understand their position and the remedies for it. They cannot believe that anything is being done unless attempts are being made to get Socialists into Parliament, and other elected bodies; although it is clear that these bodies are the most direct expression of the power of our enemies, and their intention to put down all attempts towards the regeneration of society; and though the passing of a few palliative measures is the utmost that could be hoped from Socialists in Parliament “ (Morris, 1994g, 361-362).

Socialistas em todas as ocasiões em que puder fazê-lo sem perda de princípio, e sem prejuízo da forma de propaganda” (Morris, 1994g, p. 363, tradução nossa).⁴⁴ E, no primeiro, apesar de refletir sobre os limites e as consequências de ações reformistas, compreende que cada ação, tática ou meio revolucionário é determinada por uma realidade social e concreta: “De fato, se nenhum outro plano de campanha fosse possível para o ataque ao monopólio, teríamos que aceitar todas as desvantagens”, mas sinaliza que “há outro plano de campanha possível que devo expor a vocês com mais detalhe sob o apelido, como disse, de Política de Abstenção” (Morris, 2012b, p. 439, tradução nossa).⁴⁵

Tal raciocínio o diferencia sobremaneira dos militantes anarquistas. Para estes, o antiparlamentarismo é uma espécie de “princípio”, ou seja, uma forma de ação aplicável sempre onde houver disputas públicas envolvendo o Estado (Abrunhosa, 2019). O problema de tal concepção aparece na ausência dum método de análise da realidade concreta e social que deveria preceder a ação. Ou seja, rompe-se o processo dialético entre pensamento e ação, tornando o antiparlamentarismo uma espécie de fetichismo formal.⁴⁶

Diferentemente, o polímata britânico afirma que o plano da política de abstenção:

é fundado na necessidade de tornar a luta de classes clara para os trabalhadores, de mostrar a eles que enquanto o monopólio existir, eles só podem existir como seus escravos; de modo que o Parlamento e todas as outras instituições atualmente existentes sejam mantidas com o propósito de sustentar essa escravidão; que seus salários são apenas rações de escravos e, se fossem aumentados dez vezes, não seriam nada mais; que enquanto o domínio burguês durar, eles podem de fato tomar parte nele, mas apenas nos termos em que não farão nada para atacar o grande edifício do qual sua escravidão é base. Não mais do que isso: que eles são convidados a votar e enviar representantes ao Parlamento (se ‘trabalhadores’ tanto melhor) para que eles possam apontar quais concessões podem ser necessárias para a classe dominante fazer para que a escravidão dos trabalhadores possa perdurar: em uma palavra, que votar pela continuação de sua própria escravidão é toda a ação parlamentar que eles serão autorizados a tomar sob o regime atual” (Morris, 2012b, p. 439, tradução nossa).⁴⁷

⁴⁴ “(...) to co-operate in the most cordial way with other Socialists on all occasions when it can do so without loss of principle and without prejudice to the form of propaganda” (Morris, 1994g, p. 363).

⁴⁵ “Indeed if no other plan of campaign were possible for the attack on monopoly, we should have to accept all drawbacks, stifle all doubts and carry it out with all our might. But there is another plan of campaign possible which I must lay before you at rather greater length under the nick-name, as I said, of the Policy of Abstention” ((Morris, 2012b, p. 439).

⁴⁶ Sobre o conceito de fetichismo em Marx, cf. Bottomore (2012b); Marx (2017b).

⁴⁷ “This plan is founded on the necessity of making the class-struggle clear to the workers, of pointing out to them that while monopoly exists they can only exist as its slaves: so that the Parliament and all other institutions at present existing are maintained for the purpose of upholding this slavery; that their wages are but slaves' rations, and if they were increased tenfold would be nothing more: that while

Os acontecimentos ulteriores à essas afirmações mostraram a sensatez e lucidez das palavras de Morris. É provável que o caso de Friedrich Ebert e de sua atuação junto com a socialdemocracia durante a Revolução Alemã, seja um dos exemplos históricos mais nítidos.⁴⁸ Próximo às suas considerações finais, Morris reitera seu posicionamento:

das regras atuais da sociedade não obterão nada além de concessões destinadas a perpetuar sua escravidão atual: devem saber que são convidados a votar e tomar parte no governo para que possam ajudar seus governantes a descobrir o que deve ser concedido e o que pode ser recusado aos trabalhadores; e dar uma aparência de liberdade de ação a eles (*Ibidem*, p. 451).⁴⁹

Ele insiste na proposta de que as energias devem ser dirigidas à propaganda e divulgação do comunismo, a começar pelos seus princípios e sua tradução prática, “sem manchá-la pela aliança com a própria tirania que estamos unidos para destruir” (*Ibidem*, p. 442, tradução nossa).⁵⁰ Porque, para Morris, estava claro que utilizar métodos reformistas era “sustentar a estabilidade da sociedade de ladrões da maneira mais segura e menos problemática” (*Ibidem*, p. 439, tradução nossa).⁵¹ Quatro anos depois, num artigo de 1892 chamado *Notes on the elections* (Notas sobre as eleições), publicado no boletim oficial da Liga Socialista de Hammersmith, declara que a atividade dos comunistas é “mostrar aos trabalhadores que o essencial não é uma máquina administrativa melhorada, que sem o espírito do verdadeiro socialismo

the bourgeois rule lasts they can indeed take part in it, but only on the terms that they shall do nothing to attack the grand edifice of which their slavery is the foundation. Nay more than that: that they are asked to vote and send representatives to Parliament (if `working-men' so much the better) that they may point out what concessions may be necessary for the ruling class to make in order that the slavery of the workers may last on: in a word that to vote for the continuance of their own slavery is all the parliamentary action that they will be allowed to take under the present regime” (Morris, 2012b, p. 439).

⁴⁸ Cf. Tragtenberg (2011). Pode-se pensar, hoje, em como a “política de representatividade” tem, atualmente, consequências semelhantes às denunciadas por Morris. Sobre esta política, cf. Polese (2020).

⁴⁹ “(...) that from the present rules of society they will get nothing but concessions intended to perpetuate their present slavery: they must know they are invited to vote and take some part in government in order that they may help their rulers to find out what must be conceded, and what may be refused to the workers; and to give an appearance of freedom of action to them” (Morris, 2012b, p. 451).

⁵⁰ “(...) without sullyng it by alliance with the very tyranny which we are leagued to destroy” (*Ibidem*, p. 442).

⁵¹ A “(...) propping the stability of robber society in the safest and least troublesome manner” (*Ibidem*, p. 439).

apenas melhoraria a condição dos trabalhadores como escravos das classes médias” (Morris, [s.d.], tradução nossa).⁵²

Esse papel de divulgação revolucionária, para Morris, não se apresenta como a elucidação de uma vanguarda dirigente, que guiaria a classe até a revolução de fora para dentro. Em vários momentos, Morris fala da ação autônoma dos trabalhadores e do papel de sua agência (Morris, 2012b, p. 444-446), coerentemente às palavras do próprio Marx: “a emancipação das classes operárias tem de ser conquistada pelas próprias classes operárias” (Marx, 1983, p. 14).⁵³

A insistência de Morris na abolição do antagonismo entre capital e trabalho, e do trabalho livre e trabalho explorado, leva-o a colocar esta abolição como uma das primeiras necessidades da revolução: “tudo o que tende a mascarar essa oposição, a confundi-la, enfraquece a força popular e dá um novo sopro à reação” (Morris, 2012b, p. 446, tradução nossa).⁵⁴ Somente quando superadas essas velhas formas de trabalho, os proletários poderiam tornar-se “mestres de seus próprios destinos, [de] suas próprias vidas” (*Ibidem*, p. 444, tradução nossa).⁵⁵

Na conclusão de *The Policy of Abstention*, pontua (mais uma vez de forma antecipadora):

Bem, assim continuará até que o partido socialista no Parlamento desapareça no avançado partido democrata, ou até que eles olhem ao redor e descubram que eles, ainda socialistas, não fizeram nada além de dar várias oportunidades aos reacionários para ampliar a base do monopólio criando uma nova classe média sob a atual, e assim adiando o dia da grande mudança (Morris, 2012b, p. 450-451).⁵⁶

⁵² “It is our business to show the workers that the essential thing is not an improved administrative machinery, which without the spirit of true Socialism would only better the condition of the workers as slaves of the middle classes” (Morris, [s.d.]).

⁵³ Em 1977, Edward Thompson redigiu um artigo no qual desenvolve a crítica da vanguarda dirigente: “De um modelo estático de relações capitalistas de produção são extraídas as classes que lhes devem corresponder e a ‘consciência’ que deve corresponder às classes e à sua respectiva inserção. Em uma forma comum, geralmente leninista, isso fornece uma boa justificativa para uma política de ‘substitutivos’, como aquele de uma ‘vanguarda’ que saberia mais que a própria classe quais seriam tanto o interesse verdadeiro quanto a consciência mais conveniente a essa mesma classe” (Thompson, 2012a, p. 271-272). Para uma crítica mais pormenorizada da noção de vanguarda dirigente leninista, cf. Bruno (1990).

⁵⁴ “(...) everything that tends to mask that opposition, to confuse it, weakens the popular force, and gives a new lease of life to the reaction, which can indeed create nothing, can only hang on a while by favour of such drags on such weaknesses of the popular force” (Morris, 2012b, p. 446).

⁵⁵ “(...) the workers becoming the masters of their own destinies, their own lives” (*Ibidem*, p. 444).

⁵⁶ “Well so it will go on till either the Socialist party in Parliament disappears into the advanced Democratic party, or until they look round and find that they, still Socialists, have done nothing but give various opportunities to the reactionists for widening the basis of monopoly by creating a fresh middle-class under the present one, and so staving off the day of the great change” (Morris, 2012b, p. 450-451).

Essa observação merece a devida atenção, por duas razões. Em primeiro lugar, porque mostra, de forma antecipada, as consequências reais do reformismo.⁵⁷ Em segundo, porque, se entendermos como nasce o fascismo, veremos, mais uma vez, a agudeza de sua visão.

O pensador britânico não viu o surgimento do fascismo no início do século XX. Mesmo assim, se compararmos esses escritos seus com algumas teses que explicam a ascensão desse movimento, poderemos entender o impacto atual da frase de Morris. Pois se na Europa do final do século XIX as reformas abriam as portas para a contrarrevolução, no início do século XX essa contrarrevolução tomará a forma do fascismo clássico. No mesmo período de sua ascensão, a revolucionária alemã Clara Zetkin, de forma demasiado lúcida, afirmará que o fascismo surge como resposta à vacilação do proletariado em levar a revolução internacional.⁵⁸

No primeiro volume da monumental obra *Labirintos do Fascismo*, o historiador João Bernardo endossa essa linha de raciocínio, concordando com “o facto de o fascismo entrar em cena depois, e apenas depois, de o movimento insurreccional dos trabalhadores ter sido desactivado a partir do seu interior em virtude das hesitações dos chefes revolucionários e do reformismo da social-democracia” (Bernardo, 2022, p. 33).

Se, para Morris, o perigo consistia em dar margens aos reacionários, logo no início dos novecentos esse perigo tornar-se-á mais letal não só para as organizações proletárias, mas para o próprio proletariado.

Outro ponto importante de sua reflexão refere-se às últimas consequências duma vitória dos socialistas parlamentares e da aplicação de seu socialismo:

No entanto, mesmo supondo que eles tenham sucesso e, por meio do tormento do Parlamento constitucional em reformas cumulativas, consigam nos levar à crise da revolução, suas dificuldades estariam longe de um fim então: pois eles teriam que governar um povo que teria sido ignorantemente

⁵⁷ Podemos comparar a conclusão de Morris às palavras de Anton Pannekoek: “Um poder governamental conquistado sem que se encontre por trás uma classe proletária plenamente preparada para exercer a sua dominação, está destinado a ser perdido novamente ou a ser obrigado a fazer tantas concessões para as concepções reacionárias que ficará podre por dentro” (Pannekoek, 2005, p. 228, tradução nossa).

⁵⁸ Em suas palavras, o fascismo “Não é de forma alguma a vingança da burguesia contra o levante militante do proletariado. Em termos históricos, visto de forma objetiva, o fascismo apresenta-se muito mais como uma punição pelo fato de que o proletariado não tenha sustentado e aprofundado a revolução que foi iniciada na Rússia” (Zetkin, 2019, p. 34).

traído para o Socialismo do que ter aprendido a aceitá-lo como uma necessidade compreendida (Morris, 2012b, p. 451).⁵⁹

Aqui aparece uma crítica ao socialismo “de cima para baixo”, ao “socialismo por decreto”. O mundo só assistiria o surgimento de semelhante socialismo com a experiência soviética no início do século XX. As palavras de Morris soam proféticas quando continua: “Seu próprio sucesso levaria à contrarrevolução; porque teriam que reprimir a ignorância com a qual não lutaram em seus tempos militantes, pela força bruta” (*Ibidem*, p. 451).⁶⁰

Morris não traz apenas uma proposta que se opõe à ação parlamentar. Da mesma forma, convida para a criação de uma forma organizativa política, própria do proletariado, embora não a nomeie. Sabe-se que Morris estava a par dos acontecimentos da Comuna de Paris. Também em 1887, publicou no jornal *Commonweal* um artigo intitulado *Why we celebrate the Commune of Paris* (Por que celebramos a Comuna de Paris) (Morris, 1994c, p. 232-235). E em seu livro *Socialism from the Root Up* (Socialismo da raiz para cima), dedica um capítulo à Comuna: *The Paris Commune of 1871, and the Continental Movement following it* (A Comuna de Paris de 1871 e o Movimento Continental que a seguiu) (Morris, 1994e, p. 558-562). É justamente na Comuna que Marx vê o gérmen de novas relações políticas próprias do proletariado:

A Comuna era formada por conselheiros municipais escolhidos por sufrágio universal nos diversos distritos da cidade, responsáveis e com mandatos revogáveis a qualquer momento. A maioria de seus membros era naturalmente formada de operários ou representantes incontestáveis da classe operária. A Comuna devia ser não um corpo parlamentar, mas um órgão de trabalho, Executivo e Legislativo ao mesmo tempo (Marx, 2011a, p. 56-57).

Morris, por sua vez, reitera a inovação organizativa provocada pelos comunardos num artigo escrito em parceria com E. Belfort Bax e Victor Dave:

Os historiadores de classe média, isto é, os historiadores em geral, que não veem nada na história além de uma mistura casual de eventos, desprovidos de significado ou sequência lógica, trataram a Comuna como tratam toda a história. Eles falharam em entender que, do ponto de vista *político*, a

⁵⁹ “Yet even supposing that they succeed and by means of tormenting the constitutional Parliament into cumulative reforms manage to bring us to the crisis of revolution, their difficulties would be far from an end then: for they would then have to govern a people who had rather been ignorantly betrayed into Socialism than have learned to accept it as an understood necessity” (Morris, 2012b, p. 451).

⁶⁰ “Their very success would lead to counter revolution; because they would have to repress the ignorance which they had not grappled with in their militant times, by brute force” (*Ibidem*, p. 451).

Revolução de Paris estabeleceu na França uma nova forma de administração (...) Eles igualmente falharam em entender que, do ponto de vista *social*, a Revolução de Paris trouxe a ruptura final entre a democracia da classe trabalhadora e a classe média dominante; que o trabalhador se associou organicamente pela primeira vez desde as Comunas da Idade Média, e desde 1793 estava trazendo à luz um novo mundo – o mundo da organização independente e livre do trabalho industrial e comercial (Morris *et al.*, 2006, itálicos no original, tradução nossa).⁶¹

No final de sua conferência de 1887, Morris ressalta as características duma organização oposta ao parlamento. Como afirmamos acima, é provável que suas colocações tenham sido inspiradas na Comuna de Paris de 1871:

Mas os trabalhadores podem formar uma organização que, sem dar ouvidos ao Parlamento, pode forçar os governantes a fazerem concessões que forem necessárias no presente e cujo objetivo seria a abolição total das classes monopolistas e do governo. A ação que tal organização seria obrigada a tomar educaria seus membros em administração, de modo que, no dia seguinte à revolução, eles seriam capazes, a partir dum conhecimento profundo das necessidades e capacidades dos trabalhadores, de conduzir os negócios com a menor quantidade possível de erros, e não fariam quase nada que tivesse que ser desfeito, e, portanto, não ofereceriam oportunidade para a contrarrevolução (Morris, 2012b, p. 452).⁶²

Encerra esta conferência com a seguinte frase: “minha esperança é que o que faremos nos mostre que somos socialistas em essência e espírito, mesmo agora, quando não podemos ser socialistas economicamente” (*Ibidem*, p. 453).⁶³

Já em 1890, publica o artigo *Anti-Parliamentary* (Antiparlamentar), onde reafirma boa parte das teses expostas em *The Policy of Abstention*. Ao retomar a questão da abolição da propriedade privada, declara:

⁶¹ "The middle-class historians, that is to say historians in general, who see nothing in history but a chance medley of events, devoid of meaning or logical sequence, have treated the Commune as they treat all history. They have failed to understand that, from the political point of view, the Revolution of Paris established in France a new form of administration, – Federalist Administration, – which is entirely opposed to French tradition since the time of Richelieu. They have equally failed to understand that, from the social point of view, the Revolution of Paris brought about the final rupture between working-class democracy and the ruling middle-class; that the workman organically associated for the first time since the Communes of the Middle Ages, and since 1793 were bringing to birth a new world – the world of the independent and free organisation of industrial and commercial labour" (Morris *et al.*, 2006, itálicos no original)

⁶² "But the workers can form an organization which without heeding Parliament can force from the rulers what concessions may be necessary in the present and whose aim would be the total abolition of the monopolist classes and rule. The action such an organization would be compelled to take would educate its members in administration, so that on the morrow of the revolution they would be able, from a thorough knowledge of the wants and capabilities of the workers, to carry on affairs with the least possible amount of blunders, and would do almost nothing that would have to be undone, and thereby offer no opportunity to the counter revolution" (Morris, 2012b, p. 452).

⁶³ "(...) my hope is that what we shall do will show us to be Socialists in essence and in spirit even now when we cannot be Socialists economically" (*Ibidem*, p. 453).

O Parlamento nos ajudará a atingir esse objetivo? Pegue outra pergunta como resposta à primeira pergunta. Qual é o objetivo do Parlamento? A manutenção do privilégio; a sociedade de ricos e pobres; a sociedade de desigualdade, e a consequente miséria dos trabalhadores e a degradação de *todas* as classes (Morris, 1994a, p. 481, itálicos no original, tradução nossa).⁶⁴

Para o pensador britânico, diferentemente dos socialistas (de Estado), parece bastante lógico que a entrada de socialistas no parlamento não é um passo para a destruição do próprio parlamento:

podemos manobrar o parlamento para o socialismo, para o comunismo? Parece-me uma empreitada das mais desesperançosas. Não acharemos difícil, talvez, pressioná-lo tanto a ponto de fazê-lo aprovar medidas para a “melhoria da sorte das classes trabalhadoras”. Mas o que isso significará, exceto a “repreensão” dos socialistas? – que, se não tomarem cuidado, descobrirão que, em vez de *usar* o parlamento, serão usados por ele (*Ibidem*, p. 482, tradução nossa).⁶⁵

Assim como em *The Policy of Abstention*, encerra seu artigo enfatizando a construção de organizações estritamente proletárias e a abstenção:

Em suma, a verdadeira arma dos trabalhadores contra o Parlamento não é a urna, mas o *Boicote*. Ignorem o Parlamento; deixem-no sozinho, e fortaleçam suas próprias organizações para lidar diretamente com seus mestres no presente, e aprender a administrar seus próprios negócios agora e no futuro (...) Cuidem disso, e deixem os políticos elegerem políticos; deixem que as classes alta e média escolham para si mesmas os membros do Comitê para a Continuação da Escravidão, que deveria ser o nome da Câmara dos Comuns, e vocês verão que terror vocês inspirarão nos corações dos hipócritas que se dizem estadistas. Um terror que será totalmente garantido pelos eventos; pois tal boicote antiparlamentar mostrará sua determinação de ser livre, e lhes dará o instrumento para atingir sua liberdade (*Ibidem*, p. 483, tradução nossa).⁶⁶

⁶⁴ “Will Parliament help us towards the accomplishment of this aim? Take another question as an answer to that first question. What is the aim of Parliament? The upholding of privilege; the society of rich and poor; the society of inequality, and the consequent misery of the workers and the degradation of all classes” (*Ibidem*, p. 481, itálicos no original).

⁶⁵ “Well, then, can we jockey parliament into Socialism, into Communism? It seems to me a most hopeless enterprise. We shall not find it difficult, perhaps, to put so much pressure upon it as to make it pass measures for ‘the amelioration of the lot of the working classes’. But what will that mean save the ‘dishing’ of the Socialists? — who, if they do not take care, will find that instead of using parliament, they will be used by it” (Morris, *Ibidem*, p. 482).

⁶⁶ “In short, the true weapon of the workers as against Parliament is not the ballot-box but the Boycott. Ignore Parliament; let it alone, and strengthen your own organizations to deal directly with your masters in the present, and to learn how to manage your own affairs both now and for the future (...). See to this, and let politicians elect politicians; let the upper and middle-classes by themselves choose for themselves members of the Committee for the Continuance of Slavery, which should be the name of the House of Commons, and you will see what terror you will inspire in the hearts of the canting hypocrites who call themselves statesmen. A terror which will be fully warranted by events; for such an anti-parliamentary boycott will show your determination to be free, and will give you the instrument of attaining your freedom” (*Ibidem*, p. 483).

Foi nesse mesmo ano que publicou o artigo *The Eight Hours and the Manifestation* (As ‘oito horas’ e a manifestação), onde a crítica das medidas reformistas aparece a partir da análise duma manifestação concreta pela redução da jornada de trabalho realizada na Inglaterra no dia 4 de maio de 1890. A manifestação tinha como objetivo a aprovação do chamado Projeto de Lei das Oito Horas.

Sobre o assunto, Morris era consciente de que, para os capitalistas e sua imprensa, “a limitação das horas de trabalho é impossível” (Morris, 1994f, p. 476, tradução nossa).⁶⁷ E que “esta resistência sempre que possível à melhoria dos trabalhadores é o grande objetivo dos políticos modernos” (*Ibidem*, p. 476, tradução nossa).⁶⁸ Morris faz essa colocação logo no início para que sua crítica ao reformismo não seja acusada de ser uma perspectiva liberal ou burguesa; pois seu ponto de vista sobre o assunto, como ele mesmo aponta, é comunista. Por essa razão afirma que

ninguém que não seja um feitor de escravos (e a maioria das pessoas de classe média são feitores de escravos) negaria que seria uma coisa boa em si mesmo que o máximo de trabalho diário fosse reduzido para oito horas; embora, por outro lado, não seria em si mesmo um passo à frente em direção ao socialismo. Desse ponto de vista, não seria nada mais do que uma melhoria na sorte dos – escravos, assim como um aumento no salário do assalariado é um aumento nas rações do escravo (*Ibidem*, p. 476, tradução nossa).⁶⁹

Também neste texto, observa-se outra crítica direta aos métodos reformistas dos socialdemocratas: “qualquer parte da reivindicação socialdemocrata à qual o Parlamento ceda será dada com a intenção de ser uma nulidade ou uma isca para silenciar uma possível revolução” (*Ibidem*, p. 478, tradução nossa).⁷⁰

Para ele, era claro que o socialismo deveria ser a finalidade da luta e não a redução da jornada de trabalho. Quando trata desta questão em específico, vemos a compreensão de Morris acerca do conceito de mais-valia relativa⁷¹ exposta por Marx em *O capital*:

⁶⁷ “(...) the limitation of the hours of labour is impossible” (Morris, 1994f, p. 476).

⁶⁸ “(...) that resistance wherever possible to the amelioration of the workers which is the great object of modern politicians” (*Ibidem*, p. 476).

⁶⁹ “(...) no one who is not a slave-driver (and most middle-class persons are slave-drivers), would deny that it would be a good thing in itself for the maximum day’s work to be reduced to eight hours; although on the other hand it would not in itself be even a step in advance towards Socialism. From that point of view it would be nothing more than an amelioration in the lot of — slaves, just as an increase in the wage-earner’s wages is an increase in the slave’s rations” (*Ibidem*, p. 476).

⁷⁰ “(...) that whatever part of the Social Democratic claim Parliament yields to, will be given with the intention of its being either a nullity or a bait to quiet possible revolution” (*Ibidem*, p. 478).

⁷¹ Sobre o conceito de mais-valia, cf. Bottomore (2012c); Marx (2017c). Em seu livro, *The Socialism from Root Up*, Morris (1994e) demonstra sua compreensão dos conceitos presentes n’*O capital*, reproduzindo-os nesse livro direcionado à divulgação das ideias revolucionárias para o

Mais uma vez, se os capitalistas perderem com a mudança, eles esforçarão todos os nervos para recuperar essa perda; e a intensificação do trabalho é um meio óbvio de fazer isso. A organização aprimorada (*ou seja*, escravidão) na oficina, o maquinário aprimorado na fábrica, corrigirão o capitalista novamente e forçarão os trabalhadores a produzir mais a cada hora – ou seja, a *desperdiçar* mais seus poderes físicos e mentais (*Ibidem*, p. 477, itálicos no original, tradução nossa).⁷²

Num texto precedente, Morris já havia sinalizado que a luta dos trabalhadores pela redução da jornada de trabalho, embora tivesse obtido vitórias reais, estava “sendo combatido sob o pressuposto de que o sistema salarial deve durar para sempre” (Morris, 2014e, p. 117, tradução nossa). O polímata, portanto, enfatizava a via revolucionária: a abolição do regime salarial, tal como fizera Marx.⁷³

Ainda na década de 1890, num texto de 1893, podemos verificar outra acentuada crítica às reformas. Em *Communism* (Comunismo), ele diz:

Portanto, a questão dessas melhorias parciais que mencionei anteriormente não se trata tanto de qual melhoria parcial está em benefício do povo em geral, ou mesmo em benefício da classe trabalhadora; mas sim, qual será o efeito delas na orientação dos trabalhadores para compreender e desejar fervorosamente o socialismo, refiro-me a um socialismo verdadeiro e completo, que devemos chamar de comunismo. Pois, embora fazer com que muitas pessoas pobres, ou mesmo algumas, se sintam mais confortáveis do que são agora, de alguma forma menos miseráveis, não seja algo fácil por si só, seria um erro completo se esses esforços obstaculizassem os esforços

proletariado inglês. Noutros textos de maturidade, demais, Morris refere-se à mais-valia com frequência (Morris, 1994c, 2014f). Sua forma sucinta de apresentá-la lembra-nos as passagens mais enxutas de Marx sobre o conceito: “O *segundo* traço que caracteriza especialmente o modo de produção capitalista é a produção do mais-valor como finalidade direta e motivo determinante da produção. O capital produz essencialmente capital, e só o faz na medida em que produz mais-valor” (Marx, 2017d, p. 942). Assim como Marx e o maduro Morris, o jovem Gramsci percebeu que medidas reformistas, tal como a luta pela redução da jornada de trabalho e o aumento salarial, eram meios que não levariam em si ao socialismo, mas, inversamente, levariam ao desenvolvimento da produção capitalista: “o raciocínio de Gramsci também remete à categoria marxista da ‘mais-valia relativa’, distinta da intensificação pura e simples da exploração, representada pelo aumento da produtividade do trabalho. No cenário delineado por Gramsci, a luta pela limitação da exploração torna, exatamente, impulso, para os capitalistas rumo ao progresso técnico e organizativo” (Rapone, 2014, p. 367). Sobre a mais-valia relativa e as lutas proletárias, cf. Bernardo (1998).

⁷² “Again, the Bill passed, a struggle between masters and men will begin as to the wages to be paid for the shorter day’s labour. Will Parliament deal with this difficulty, I ask? I will show presently what it will mean if it does. Meantime I assert that the men will have to deal with it by strikes — *ie.*, they will have to fight the whole battle over again. Once more, if the capitalists stand to lose by the change, they will strain every nerve to recover that loss; and the intensification of labour is one obvious means of doing this. Improved organization (*ie.*, slave-driving) in the workshop, improved machinery in the factory, will set the capitalist right again and force the workers to produce more in every hour — *ie.*, to waste their bodily and mental powers more” (*Ibidem*, p. 477, itálicos no original).

⁷³ “A classe operária deve saber que o sistema atual, mesmo com todas as misérias que lhe são impostas, engendra simultaneamente as *condições materiais* e as *formas sociais* necessárias para uma reconstrução econômica da sociedade. Em vez do *motto* [mote – italiano] *conservador*: “*Um salário justo por uma jornada de trabalho justa!*”, deveria inscrever na sua bandeira esta divisa revolucionária: “*Abolição do sistema de trabalho assalariado!*” (Marx, 2010b, p. 141, itálicos no original).

de toda a classe trabalhadora em direção à conquista de uma sociedade genuinamente igualitária (Morris, 2014a, p. 187, tradução nossa).

Neste texto, Morris demonstra como as reformas atuam como espécie de “antídotos” para estabilização do modo de produção capitalista. Essas, em sua essência, não buscam qualquer mudança do modo de produção, mas uma versão mais suave do mesmo sistema, com menos inconveniências e contradições. Tal passagem faz-nos lembrar das palavras de Marx acima citadas em seu *18 de Brumário de Luís Bonaparte* (Marx, 2011b).

O discurso e os artigos expostos durante os anos de 1885 e 1890, mostraram-nos que Morris dedicou-se a apresentar a crítica do parlamento, das reformas e das concepções socialdemocratas a partir dum ponto de vista marxista e comunista. Por ter feito tal crítica à socialdemocracia, que nas décadas de 1880 e 1890 representavam os porta-vozes das ideias marxistas,⁷⁵ Morris será acusado de anarquismo. Como explanamos acima, o próprio Engels esforçou-se em divulgar essa incompreensão. Numa carta de 1886, escreveu: “A Liga passa por uma crise. Morris – um sonhador sentimental, encarnação da boa vontade enternecida a ponto de se converter em má vontade – se enredou em frases sobre a revolução, tornando-se vítima dos anarquistas” (Engels, 2010, p. 292). Um ano depois, realça essa suposta ligação de Morris com os anarquistas.⁷⁶

No entanto, se observarmos o que o maduro Morris escreveu nas décadas de 1880 e 1890 sobre o anarquismo, as dúvidas a respeito de uma suposta inclinação desse pensador a essas concepções serão sanadas. Vejamos mais de perto, na próxima seção, como Morris efetuou uma lúcida crítica às concepções anarquistas.

3.2. A CRÍTICA DO ANARQUISMO

Embora Morris não possa ser identificado com o anarquismo, é sabido que a Liga Socialista era composta também por muitos anarquistas (Thompson, 1988b, 1988c). Não tardou muito para que Morris – que desde a juventude enfatizou uma análise que preconizava o aspecto social, como evidenciam seus estudos sobre arte,

⁷⁵ Cf. Tragtenberg (2008).

⁷⁶ “Assim, pois, no domingo passado, realizou-se a Conferência da Liga Socialista. Obtiveram a vitória os elementos anarquistas que foram admitidos ali, apoiados por Morris, que nutre um ódio mortal a qualquer tipo de parlamentarismo e é, em geral, um grande confucionista que, como poeta, se coloca acima de toda ciência” (Engels, 2010, p. 292).

arquitetura e sociedade –⁷⁷ passasse, assim, a contrapor-se aos anarquistas dentro da Liga. Uma das suas críticas é justamente a permanência de ideias anarco-individualistas entre os anarco-comunistas que compunham a Liga.

Ele inicia o artigo *Socialism and Anarchism* (Socialismo e Anarquismo), colocando-se dentro do espectro político do comunismo “Começarei por dizer que me considero comunista e que não tenho interesse em qualificar esta denominação acrescentando qualquer outra” (Morris, 2014d, p. 175) – para não deixar dúvidas de qual ponto de vista está falando. Logo, entra no cerne de seu artigo: uma interessante reflexão sobre a crítica à autoridade que tantas vezes foi repetida pelos anarquistas. Segundo Morris, essas ideias possuem uma contradição:

Pois se a libertação de toda a autoridade significa afirmar a conveniência ou possibilidade de que um indivíduo faça o que lhe apetece sempre e sobre todas as circunstâncias, isto é a negação absoluta da sociedade, e converte

⁷⁷ Ainda jovem, Morris percebeu nas construções arquitetônicas da Idade Média europeia uma inspiração para um novo modo de se conceber obras artísticas e de se entender a sociedade. Nessas construções, fruto dum trabalho artístico coletivo, não havia a assinatura e a preconcepção de um arquiteto ou dum grupo de arquitetos, tal como nas obras arquitetônicas no capitalismo. Havia artistas envolvidos na sua concepção, mas havia também a participação dos aprendizes, dos clérigos da Igreja além dos próprios servos (Gombrich, 2022a). Segundo o historiador da arte Ernst Hans Gombrich, as obras arquitetônicas desse período – tal como salientou Morris (2016b) – reuniam todas as demais artes: “O século XIII tinha sido o século das grandes catedrais, nas quais praticamente todos os ramos da arte tiveram sua participação” (*Idem*, 2022c, p. 207). Ainda segundo este historiador, nos pequenos vilarejos europeus do século XII: “Não admira que toda a comunidade estivesse interessada na construção dessas igrejas e se orgulhasse da sua decoração. Mesmo do ponto de vista econômico, a construção de um mosteiro, que levava anos, devia transformar a cidade inteira” (*Idem*, 2022a, p. 171). Ele também afirma uma ideia que foi de suma importância para Morris (aprendida também por meio de seus estudos sobre Idade Média): a estética das igrejas e dos objetos nela contidos eram projetados de maneira que sua forma fosse coerente ao seu conteúdo, neste caso, aos ensinamentos cristãos: “a palavra ‘decorar’, também neste caso, seja um tanto enganadora. Tudo o que pertencia à igreja tinha sua função definida e expressava uma ideia precisa, relacionada com os ensinamentos da igreja” (*Ibidem*, p. 176). Em seguida, coloca: “Todos os detalhes no interior da igreja são pensados com igual esmero, de modo que se ajustem ao seu propósito e à sua mensagem” (*Ibidem*, p. 178). “Os fiéis que se entregavam à contemplação de tanta beleza podiam sentir que estavam mais próximos de entender os mistérios de um reino afastado do alcance da matéria” (*Idem*, 2022b, p. 189). Ao falar do artista gótico do século XIII, Gombrich diz: “Para o artista gótico, todos esses métodos e estratagemas eram tão somente o meio para alcançar um fim, que consistia em narrar a história sagrada de um modo mais comovente e real. Não a narra apenas para divulgar, mas para nos transmitir uma mensagem, e para consolo e edificação dos fiéis” (*Ibidem*, p. 193). Estes conhecimentos de Morris permitiram-no afastar-se de concepções burguesas e individualistas antes mesmo de sua adesão ao marxismo. Ele também usou estes seus conhecimentos para falar sobre a sociedade comunista e o futuro da arte. Uma de suas conclusões, partindo da ideia de uma arte coletiva, era de que deveria findar a separação entre artista e público. Como afirmamos na introdução, pode-se encontrar ecos destas suas posições na primeira metade do século XX, em particular, no filósofo alemão Walter Benjamin. Sobre isto, cf. Benjamin (1994). Para um conhecimento mais pormenorizado da visão de Morris sobre arquitetura e sociedade, cf. Elia (1977); Gattégno (1985); Thompson (1988d); Morris (2003a, 2003b, 2014f, 2016b, 2022). Para o debate sobre arquitetura e sociedade a partir dum ponto de vista marxista e crítico, cf. Meyer (1972); Benjamin (1994); Pedrosa (2004); Ferro (2006); Lissitzky (2019). Também é frequente, em seus textos sobre arquitetura, Morris tratar a respeito do *design* industrial. Sobre estas posições, cf. Morris (2003a, 2003b, 2014f, 2016b, 2022). Para o debate sobre *design* industrial e sociedade, também a partir dum ponto de vista marxista e crítico, cf. Matias (2014).

o comunismo numa expressão mais elevada de uma sociedade impossível (*Ibidem*, p. 177, tradução nossa).

Portanto, nesse artigo, ele busca desenvolver uma resposta comunista e marxista para a crítica do “autoritarismo” realizada com frequência pelos anarquistas do século XIX e XX.⁷⁸ Mostra-nos que a visão antiautoritária, que parte desse pressuposto, não se desvinculou duma concepção individualista. Era-lhe nítido que a luta contra o autoritarismo burguês e socialista (de Estado) devia ter como meio a abolição do próprio Estado, do parlamento, da propriedade privada e a construção de novas relações sociais de produção – como buscamos evidenciar na seção anterior. Uma sociedade desse tipo, a qual denominou de comunista, teria sua própria “autoridade”. Afinal, estava ciente de que poderia haver o risco de retrocessos. Mas, sua ideia de uma autoridade na nova sociedade era concebida enquanto uma autoridade de natureza coletiva. Logo, seriam as necessidades sociais e coletivas que ditariam a nova ordem. A autoridade seria exercida de forma coletiva, justamente para impedir as tentativas individuais ou de grupos específicos de quererem colocar-se acima das necessidades sociais. Logo, pode-se afirmar que esse tipo de “democracia proletária” possui sua lógica interna de “autoridade”, embora esse termo possa confundir mais do que esclarecer de fato a nova forma organizativa.⁷⁹

Para o polímata inglês, o vínculo comum deve ser entendido como uma autoridade: “E que coisa é este vínculo comum senão autoridade, isto é, a consciência de uma associação que desde o princípio é aceita voluntariamente” (*Ibidem*, p. 181, tradução nossa). Morris salienta essa consciência associativa, consciência social,

⁷⁸ Para verificar como essa crítica continua, até os dias atuais, entre os partidários do anarquismo, cf. Reis (2015).

⁷⁹ No texto *Why I am communist* de 1894, também afirma que “em nosso estado atual da sociedade, em cada assembleia há lutas entre *interesses opostos* pelo domínio, nas assembleias de uma Sociedade Comunal, não haveria oposição de interesses, mas apenas divergências de opinião, quanto à melhor maneira de fazer o que todos concordaram em fazer. (...) É natural que, uma vez que todos compartilhariam plenamente da riqueza e da boa vida conquistadas por toda a comunidade, todos compartilhariam da responsabilidade de conduzir os negócios da comunidade; mas, como pessoas sensatas, elas reduziriam ao máximo essa tarefa de administração, para que pudessem ser mais livres para usar suas vidas no prazer de viver, criar, conhecer e descansar” (Morris, 2019, itálicos no original, tradução nossa). No original: “(...) whereas in our present state of society, in every assembly there are struggles between opposing interests for the mastery, in the assemblies of a Communal Society, there would be no opposition of interests, but only divergencies of opinion, as to the best way of doing what all were agreed to do. So that the minority would give way without any feeling of injury. It is a matter of course that since everybody would share to the full in the wealth and good life won by the whole community, so everybody would share in the responsibility of carrying on the business of the community; but this business of administration they would as sensible people reduce as much as possible, that they might be the freer to use their lives in the pleasure of living, and creating, and knowing, and resting (Morris, 2019, itálicos no original).

enquanto pressuposto de uma verdadeira sociedade igualitária e enquanto princípio para as ações políticas. Soma-se isso uma “ética baseada na razão” (*Ibidem*, p. 182, tradução nossa). É preciso recordar que, em diferentes passagens, Morris entende a associação dos produtores numa sociedade futura tal como Marx a expôs no *Crítica do Programa de Gotha*.⁸⁰

Em *Statement of Principles of the Hammersmith Socialist Society* (Declaração de princípios da Sociedade Socialista de Hammersmith) de 1890, encontra-se novamente uma crítica direta ao individualismo anarquista:

Pois devemos dizer que não aspiramos à desintegração da sociedade, mas à sua restauração. A ideia de independência total do indivíduo, isto é, de liberdade sem sociedade que é defendida por alguns dos que atacam a sociedade atual, não só é impossível de ser concretizada, como, olhando mais de perto, é inconcebível (Morris, 2014b, p. 68, tradução nossa).

Além de opor-se à crítica anarquista da autoridade, também, nesse texto, opõe-se às táticas e estratégias violentas tipicamente anarquistas:

Por outro lado, desprezamos atos de violência esporádicos e desesperados que só aumentariam a miséria dos pobres e as dificuldades dos socialistas porque intimidam os indecisos e oferecem ao executivo capitalista a oportunidade de exercer a repressão. Estes atos de violência só podem ser da responsabilidade de homens que nada sabem da sua situação, exceto que sofrem, por isso são facilmente levados por aqueles que podem aliviar temporariamente o seu sofrimento. (*Ibidem*, p. 70, tradução nossa).

Evidenciando seu pensamento dialético, o polímata britânico salienta que a resposta à essas ações não pode ser a passividade:

Sabemos também que sofreremos os castigos associados à resistência passiva, que é a verdadeira arma dos débeis e desarmados; uma resistência que envergonha a tirania muito mais do que os atos de violência desesperada, transformando as aparentes vitórias dos fortes e injustos em derrotas reais (*Ibidem*, p. 71, tradução nossa).

⁸⁰ Há divergências entre os estudiosos acerca do conhecimento de Morris do texto *Crítica do Programa de Gotha*. Thompson (1988) considerou bastante improvável que Morris pudesse ter tido acesso a esse texto. Medraño (2014, p. 44), que trata dessa questão, mostra como as dúvidas continuam, embora, para alguns estudiosos, como Paul Meier, seja inegável que Morris conheceu esse texto. Compartilhamos desta perspectiva. Em diferentes textos, o maduro Morris parafraseia a máxima “de cada um segundo suas capacidades, a cada um segundo suas necessidades” (Marx, 2012, p. 32). No artigo *The Policy of the Socialist League*, ele a cita diretamente: “acreditamos que isso levaria necessariamente à igualdade de condições acima mencionada e ao reconhecimento da máxima ‘de cada um de acordo com sua capacidade, a cada um de acordo com suas necessidades’ (Morris, 1994g, p. 360, tradução nossa). No original: “(...) this we believe would necessarily lead to the equality of condition above-mentioned, and the recognition of the maxim ‘from each according to his capacity, to each according to his needs’” (*Ibidem*, p. 360). No entanto, não pairam dúvidas de que Morris conheceu as obras *O capital* e *A Guerra Civil na França* de Marx, bem como *Do socialismo utópico ao socialismo científico* de Engels, e o *Manifesto Comunista* escrito por ambos (Medraño, 2014).

A resposta comunista para Morris (*Ibidem*) dá-se através da organização dos trabalhadores e de ações coletivas e conscientes.

Ainda em 1890, publica *Where Are We Now?* (Onde estamos agora?), onde critica tanto os métodos anarquistas quanto os reformistas:

Existem duas tendências em matéria de métodos: por um lado, um velho conhecido nosso, o reformismo, que adquiriu hoje uma importância muito maior do que antes, devido ao crescente descontentamento e ao inegável avanço do socialismo; por outro, o método da revolta – ou melhor, do motim – parcial, necessariamente fútil e sem consequências, contra as autoridades, os nossos senhores absolutos, que podem reprimi-lo sem esforço (Morris, 2016a, p. 99, tradução nossa).

Novamente, perante a dicotomia entre reforma e revolta, Morris apresenta sua visão comunista como consequência da análise dialética:

Não compactuo com nenhum dos métodos, tanto mais que é preciso mendigar por reformas e os motins são obra de homens que não sabem o que é o socialismo nem têm a menor ideia de qual deveria ser o próximo passo (...). Assim, no melhor dos casos, os atos continuariam sendo atos, porque não haveria nada para substituí-los. Não queremos uma mudança dessas! Um acontecimento deste tipo pode abalar o poder, que se sentirá menos relutante em fazer quaisquer concessões às exigências dos seus súditos, mas continuará a haver escravos enquanto os homens não estiverem preparados para assumir o controle dos seus assuntos. E, no que diz respeito à violência, creio que a sua utilização não afastaria as autoridades um milímetro das suas posições, mas, pelo contrário, as reforçaria, pois poderiam utilizá-la para obter o apoio dos indivíduos mais tímidos de todas as classes, quer dizer, de quase todas (*Ibidem*, p. 99, tradução nossa).

Aqui, mostra-se como os anarquistas focam, do ponto de vista dialético da negatividade-positividade⁸¹, na destruição da sociedade capitalista. Também, em como suas teorias para pensar como funcionaria uma sociedade futura são insuficientes. Ele mostra que, com isso, abrir-se-iam brechas para o permanecimento das hierarquias sociais.

É provável que sua crítica mais avassaladora do anarquismo esteja em seu artigo de 1894 intitulado *Why I am communist* (Porque sou comunista), embora se trate de um parágrafo omitido da versão impressa, contido somente no manuscrito original. Decidimos transcrevê-lo na íntegra:

Este é o único caminho que posso ver em direção à obtenção do comunismo. Há algum tempo, nós, ou alguns de nós, mal o víamos; mas a esperança crescente agora nos apontou isso, e me parece que somos obrigados a usá-lo se estivermos sinceramente desejando ver o comunismo realizado. Sou

⁸¹ Para o entendimento deste conceito em Hegel, cf. Inwood (1997).

contra o anarquismo então (entre outras razões) porque ele proíbe o uso do único método possível para provocar a grande mudança do privilégio, desigualdade e propriedade para a igualdade e riqueza geral. Tanto por suas táticas. Quanto à sua teoria, devo dizer que não posso reconhecer o anarquismo (como me foi exposto) como uma possível condição da sociedade, pois me parece em sua essência ser uma negação da sociedade; prefiro vê-lo como um estado de espírito engendrado pelos erros e loucuras de nossa falsa sociedade de desigualdade, e que desaparecerá com eles. Uma espécie de desespero idealizado, certamente não justificado pelo estado do movimento sociopolítico de hoje; o que certamente se dirige ao Socialismo em seu sentido mais restrito e, conseqüentemente, ao Socialismo em seu sentido mais amplo, que é o que eu tenho chamado de Comunismo (Morris, 2019, tradução nossa).⁸²

Esse trecho ressalta também o equívoco das interpretações que veem nas posições de Morris ecos de “utopia” e “romantismo”. Ora, é esse tipo de “desespero idealizado” que ele denuncia nesse parágrafo. De fato, as propostas anarquistas de sociedade futura mais assemelham-se à ideia de um retorno aos estágios ultrapassados, do ponto de vista do desenvolvimento social, do que da construção de novas relações, organizações e instituições sociais (Bottomore, 2012a).

Logo, a militância antiparlamentar (normalmente associada ao anarquismo) realizada por Morris converge com as ideias mais radicais desenvolvidas por Marx e Engels, as quais buscamos apresentar no segundo capítulo deste trabalho. A militância antiparlamentar marxista manter-se-á viva durante o século XX.⁸³

Portanto, pode-se dizer que as afirmações que veem Morris como um partidário das ideias anarquistas, bem como das utópicas e românticas, carecem de uma análise mais cuidadosa de seus textos, principalmente, dos redigidos em sua

⁸² “This is the only road which I can see toward the attainment of Communism. Some time ago we, or some of us scarcely saw it; but growing hope has now pointed it out to us, and it seems to me that we are bound to use it if we are in earnest in wishing to see Communism realized. I am opposed to Anarchism then (among other reasons) because it forbids the use of the only possible method for bringing about the great change from privilege and inequality and property to equality and general wealth. So much for its tactics. As to its theory, I must say that I cannot recognize Anarchism (as it has been expounded to me) as a possible condition of Society, for it seems to me in its essence to be a negation of society; I rather look upon it as a mood engendered by the wrongs and follies of our false society of inequality, and which will disappear with them. A kind of idealized despair, surely not justified by the state of the socio-political movement of today; which is most certainly setting towards Socialism in its narrower sense, and consequently towards Socialism in its wider sense, which is what I have been speaking of as Communism” (Morris, 2019).

⁸³ Nos capítulos anteriores, apresentamos, brevemente, passagens que mostram como pensadores icônicos do marxismo heterodoxo e conselheiro da primeira metade do século XX – tal como Anton Pannekoek e o jovem Gramsci – criticaram o parlamentarismo e o reformismo. Além desses, vale a menção do marxista holandês Herman Gorter (1981), do italiano Amadeo Bordiga (1981) e da britânica Sylvia Pankhurst (2007). Na segunda metade do século XX, ainda dentro do campo marxista, vale também mencionar os filósofos franceses Jean-Paul Sartre (2004), Simone Weil (2017), Guy Debord (2017) e o cientista social brasileiro Mauricio Tragtenberg (2009).

fase madura. Esta seção teve como objetivo justamente apresentá-los e discuti-los, mostrando um Morris opositor a essas concepções.

4. CONCLUSÃO

Neste trabalho, evidenciamos que, para além do pioneirismo na arquitetura moderna e no *design*, Morris foi um pioneiro revolucionário comunista. Mais especificamente, pode-se afirmar que ele adiantou tendências e debates que só foram tratadas mais pormenorizadamente pelos marxistas no século XX.

Ao longo do século XIX, Morris destacou-se como um dos pensadores e militantes que buscou estabelecer uma crítica radical ao reformismo e ao parlamentarismo, ao passo que propunha alternativas que privilegiassem a autonomia e a ação direta dos trabalhadores.

Embora as argumentações de Morris possuam certas ambiguidades, não perdem sua relevância nem sua profundidade. Como comparado no caso de Marx e Engels, as contradições apresentadas em sua obra são, antes de tudo, reflexo da riqueza e da complexidade de seu pensamento. Assim, não diminuem a força de suas críticas, mas sim as contextualizam, revelando a necessidade de compreendê-las à luz de um método dialético, atento às condições materiais e históricas. Além disso, o esforço em apresentar muitas das passagens originais de Morris teve como finalidade quebrar um certo silêncio em relação a essas posições do pensador britânico, dando-lhe voz,⁸⁴ e evidenciando que além de um polímata, ele foi um intelectual militante de primeira ordem, contrariando, assim, algumas análises que o veem mais como artista, poeta e romancista do que um pensador socialista.⁸⁵

Destacamos também como a crítica de Morris ao parlamentarismo transcende uma simples oposição de princípio, sendo fundamentada em uma análise social e política de seu tempo. Sua concepção de "classe estatal" e a antecipação de características como a burocratização e a emergência de gestores enquanto uma classe capitalista, destacam a profundidade de sua abordagem. Nesse sentido, Morris se posiciona contra uma instrumentalização do socialismo pelo Estado, rejeitando as

⁸⁴ Ao criticar a leitura que Althusser fez de Marx, Thompson coloca: "Althusser raramente deixa Marx falar, e, quando deixa, impõe sua própria voz à de Marx" (Thompson, 2021, p. 184).

⁸⁵ Para Botto, "A candura e o entusiasmo de Morris são parte integrante do impacto da sua obra, e é nessa medida que se deve lê-la hoje em dia, tendo presente que, apesar da sua impressionante erudição, Morris não era um 'intelectual'". (Botto, 2003c, p. 16).

formas reformistas que, segundo ele, perpetuam a exploração e adiariam a transformação radical da sociedade.

As suas reflexões acerca dos métodos parlamentares e reformistas, levam-nos a tirar algumas conclusões sobre o seu posicionamento. A primeira, de que os meios parlamentares e reformistas são entendidos como característica dos socialistas (de Estado). A segunda, de que as últimas consequências desses meios levam a um “socialismo de Estado”, institucionalizado de cima para baixo, lançando mão de meios autoritários e repressivos para sua consolidação.

Outro aspecto relevante foi sua defesa da agitação revolucionária como meio necessário à construção do comunismo. Sua crítica ao reformismo e ao parlamentarismo encontra eco nas limitações históricas enfrentadas por movimentos que adotaram tais estratégias, como exemplificado no caso da socialdemocracia e, mais tarde, na ascensão do fascismo.

Por fim, o estudo mostrou como o antiparlamentarismo de Morris difere significativamente das abordagens anarquistas, pois está ancorado em uma análise materialista e dialética que evita o “fetichismo formal” de princípios aplicados de forma genérica e atemporal. Morris defende que a ação revolucionária deve sempre considerar as condições concretas de luta, sendo o antiparlamentarismo uma tática, e não um dogma.

Boa parte dessas posições de Morris é ainda pouco mencionada – quando não é plenamente ignorada – privilegiando outras posições e ideias consideradas mais “palatáveis” e menos revolucionárias. Nos últimos tempos, verifica-se um aumento das análises que tratam Morris como um precursor do ecologismo e que tentam atrelá-lo à chamada teoria do decrescimento, partindo de afirmações específicas do polímata britânico.⁸⁶ Todavia, os textos do maduro Morris vão no sentido inverso ao do mito

⁸⁶ É o que revela a entrevista do professor Matthew Beaumont da University College London a Daniel Finn, editor adjunto da *New Left Review*, realizada este ano. Nela, Beaumont declara que o “Outro legado [de Morris] é a sua ecologia – aquela ênfase na beleza da Terra, que o torna particularmente útil hoje” (Beaumont, 2024). Durante a entrevista, ele também se esforça em tentar contrapor Morris à tradição marxista. De resto, suas noções a respeito de Morris limitam-se a um lugar comum que o vê estritamente como romântico e utópico. Como vimos, essas noções já foram criticadas por Thompson em 1955. Quanto a Marx, e a influência que exerceu em Morris, este professor parece possuir ainda mais desconhecimento. Isto se verifica quando afirma: “Ao contrário de Marx, por exemplo, Morris acreditava que o trabalho era a chave para o futuro” (*Ibidem*). Tal proposição ignora desde os trabalhos de juventude de Marx até sua última obra que foi *O capital*. Além disso, ignora como a noção de trabalho em Morris desenvolveu-se após a leitura desta obra, algo evidenciado por Thompson (1988f) e Medraño (2014). Contudo, mesmo possuindo um conhecimento mais profundo sobre Morris, Medraño (2014) também acredita na existência dum “ecologismo” morrisiano, embora se esforce em alinhá-lo a um “ecologismo” marxiano. Em Botto, encontra-se um elogio do texto do

que o vê como alguém avesso à maquinaria e ao desenvolvimento tecnológico. Contrariamente a esta perspectiva, Morris defendeu que a maquinaria deveria ser controlada pelos produtores e que a sociedade futura seria uma sociedade da abundância.⁸⁷ Além disso, consideramos essas interpretações – que veem as posições de Morris enquanto “ecológicas” – demasiado anacrônicas e problemáticas. Devido aos limites propostos neste trabalho, não pudemos explorar esta questão que, aliás, mereceria uma pesquisa e crítica mais acuradas. Mas, é possível ao menos afirmar que as considerações de Morris acerca das relações entre os seres humanos e a natureza passam, necessariamente, por suas concepções de classe, marxistas e comunistas.

Com isso, concluímos que o pensamento político do maduro William Morris, marcada por suas contradições e antecipações, permanece uma importante referência no campo das reflexões sobre socialismo, marxismo, política e transformação social. Suas ideias desafiam a instrumentalização do socialismo pelo aparelho estatal e a complacência com medidas paliativas, enquanto apontam para a construção de um projeto político fundado na autonomia, na agitação revolucionária e na luta contra a exploração. Assim, Morris não apenas contribuiu para os debates de seu tempo, mas também legou-nos uma perspectiva crítica que dialoga com os desafios do presente.

sociólogo britânico Paul Thompson chamado *Why William Morris Matters Today* (As razões da importância de William Morris na atualidade), no qual procurou “demonstrar a actualidade da visão de Morris, sobretudo na sua vertente ecológica” (Botto, 2003b, p. 14). É provável que o ápice dessa visão se encontre no professor de filosofia francês Florent Bussy. Para ele, “Morris pode ser considerado como um precursor do decrescimento porque, no final do século XIX, ele se opôs de forma resoluta à destruição das vilas e do campo sem, no entanto, separar-se do mundo operário: ele queria ajudá-los a se libertar de suas correntes mostrando-lhes a falsidade dos benefícios do desenvolvimento industrial” (Bussy, 2018, p. 10, tradução nossa). Mais adiante, afirma: “Sua vida e sua obra antecipam os desafios das correntes do decrescimento” (*Ibidem*, p. 14, tradução nossa).

⁸⁷ Para isso, cf. Morris (1994c, 2003b, 2003c, 2014f, 2016a, 2016b, 2019). Thompson é muito claro quanto a estas posições de Morris: “O capitalismo, e não as máquinas, é o que reduziu o homem a ‘um apêndice da moenda de lucros’, convertendo o moedor – por exemplo – ‘em uma peça da fábrica onde trabalha como uma roda dentada ou um eixo’. Para Morris, o horror não se encerrava no sistema fabril em si mesmo, mas em sua sujeição à extração do lucro econômico, em suas condições de trabalho e em sua organização social” (Thompson, 1988d, p. 598, tradução nossa). Portanto, para Morris, “A máquina será útil não só para aliviar formas de trabalho duro e não atrativo (...) mas será também o instrumento essencial para a realização da sociedade futura” (*Ibidem*, p. 599, tradução nossa).

REFERÊNCIAS

ABRUNHOSA, Rafael David. Crítica aos fundamentos do Estado moderno segundo Mikhail Bakunin. **Kínesis**, Vol. XI, nº 26 (113 Ed. Especial), fevereiro 2019.

ADORNO, Theodor W. Kitsch. *In: Indústria cultural*. São Paulo: Editora Unesp, 2020, p. 45-51.

ALDRED, Guy A. William Morris and Anti-Parliamentarism. *In: Pioneers of Anti-Parliamentarism*. Glasgow: The Strickland Pres, 1940, p. 20-24.

BEAUMONT, Matthew. **O socialismo de William Morris uniu a ecologia e a luta de classes**. 2024. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2024/08/o-socialismo-de-william-morris-uniu-a-ecologia-e-a-luta-de-classes/>. Acesso em 7 nov. 2024.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERNARDO, João. Classe burguesa e classe dos gestores. *In: Economia dos conflitos sociais*. São Paulo: Expressão Popular, 2009a, p. 268-289.

BERNARDO, João. **Estado: a silenciosa multiplicação do poder**. São Paulo: Escrituras Editora, 1998.

BERNARDO, João. **Labirintos do fascismo: a teia dos fascismos**. São Paulo: Hedra, 2022.

BERNARDO, João. Marxismo ortodoxo e marxismo heterodoxo. *In: Economia dos conflitos sociais*. São Paulo: Expressão Popular, 2009b, p. 407-415.

BLOCH, Ernst. Projetos e avanços rumo à ciência. *In: O princípio esperança (v.2)*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005, p. 138-178.

BORDIGA, Amadeo. O comunismo abstencionista no biênio vermelho (1919-20). *In: TRAGTENBERG, Mauricio (Org.). Marxismo heterodoxo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981, p. 177-228.

BOTTO, Isabel. Cronologia. *In: MORRIS, William. As Artes Menores e outros ensaios*. Lisboa: Antígona, 2003a, p. 230-235.

BOTTO, Isabel. Nota biográfica. *In: MORRIS, William. As Artes Menores e outros ensaios*. Lisboa: Antígona, 2003b, p. 7-17.

BOTTO, Isabel. Introdução. *In: MORRIS, William. As Artes Menores e outros ensaios*. Lisboa: Antígona, 2003c, p. 7-17.

- BOTTOMORE, Tom (Org.). Anarquismo. *In: Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012a, p. 16-18.
- BOTTOMORE, Tom (Org.). Fetichismo. *In: Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012b, p. 220-222.
- BOTTOMORE, Tom (Org.). Mais-valia. *In: Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012c, p. 335-338.
- BOURDIEU, Pierre. A delegação e o fetichismo político. *In: Coisa Ditas*. São Paulo, Brasiliense, 2004, p. 188-206.
- BOURDIEU, Pierre. Curso de 12 de dezembro de 1991. *In: Sobre o Estado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 460-480.
- BRUNO, Lúcia Barreto. **O que é autonomia operária**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.
- BUSSY, Florent. **William Morris ou la vie belle et créatrice**. Lyon: Éditions le passager clandestin, 2018.
- CARDOSO, Rafael. Design e reformismo social. *In: Uma introdução à história do design*. São Paulo: Blucher, 2008, p. 76-85.
- CASTORIADIS, Cornelius. Marx hoje. *In: Encruzilhadas do labirinto II – domínios do homem*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 81-92.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2017.
- DWORKIN, Dennis. **E. P. Thompson: Historiador Militante, Militante Historiador**. História e Perspectivas, Uberlândia (1): 91-113, jan./jun. 2014.
- ELIA, Mario Manieri. **William Morris y la ideología de la arquitectura moderna**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1977.
- ENGELS, Friedrich. Da Autoridade. *In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Obras Escolhidas em Três Tomos*: Tomo II. Lisboa: Edições «Avante!», 1983, p. 407-410.
- ENGELS, Friedrich. Do socialismo utópico ao socialismo científico. *In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Obras Escolhidas em Três Tomos*: Tomo III. Lisboa: Edições «Avante!», 1985, p. 104-168.
- ENGELS, Friedrich. Escritores socialistas ingleses: Aveling, Morris e Shaw. *In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Cultura, arte e literatura*: textos escolhidos. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p. 291-294.
- ENGELS, Friedrich. Introdução à Guerra Civil na França, de Karl Marx (1891). *In: A guerra civil na França*. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 187-197.

ENGELS, Friedrich. Prefácio. *In: As lutas de classes na França de 1848 a 1850*. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 9-31.

ENGELS, Friedrich. Princípios do comunismo. *In: Esboço para uma crítica da economia política: e outros textos de juventude*. São Paulo: Boitempo, 2021, p. 235-249.

FERRO, Sérgio. Sobre “o canteiro e o desenho” [2003]. *In: Arquitetura e trabalho livre*. São Paulo: Cosac Naify, 2006, p. 321-418.

FIELL, Charlotte; FIELL, Peter. Arts & Crafts Movement (GB & EUA). *In: Design do Século XX*. São Paulo: Taschen, 2015a, p. 62-68.

FIELL, Charlotte; FIELL, Peter. William Morris. *In: Design do Século XX*. São Paulo: Taschen, 2015b, p. 489-490.

GATTÉGNO, Jean. Avant-propos. *In: William Morris contre l’art d’élite*. Paris : Hermann, 1985, p. 7-14.

GATTI, Luciano. A “obra de arte” para além do cinema: sobre a atualidade de uma aposta de Benjamin. *In: GUIMARÃES, Bruno Almeida et al. Hoje, Walter Benjamin*. Belo Horizonte: Relicário, 2021, p. 129-148.

GOMBRICH, Ernst Hans. A Igreja Militante. *In: A história da arte*. Rio de Janeiro: LTC, 2022, p. 171-183.

GOMBRICH, Ernst Hans. A Igreja Triunfante. *In: A história da arte*. Rio de Janeiro: LTC, 2022, p. 185-205.

GOMBRICH, Ernst Hans. Cortesãos e Burgueses. *In: A história da arte*. Rio de Janeiro: LTC, 2022, p. 207-221.

GORTER, Herman. Carta aberta ao companheiro Lênin (1920). *In: TRAGTENBERG, Mauricio (Org.). Marxismo heterodoxo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981, p. 14-74.

HOBBSAWM, Eric J. **A era das revoluções**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

HOBBSAWM, Eric J. **A era do capital**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

INWOOD, Michael. Negação e negatividade. *In: Dicionário Hegel*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 236-239.

JAY, Martin. Teoria estética e crítica à cultura de massa. *In: A imaginação dialética: história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais, 1923-1950*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016, p. 229-280.

KELVIN, Norman. Introduction. *In*: MORRIS, William. **On Art and Socialism**. Mineola: Dover Publications, 1999, p. 13-16.

LEONETTI, Alfonso. Introdução. *In*: GRAMSCI, Antonio; BORDIGA, Amadeo. **Conselhos de fábrica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981, p. 23-32.

LISSITZSKY, El. **Rússia: a reconstrução da arquitetura na União Soviética**. São Paulo: Estação Liberdade, 2019.

LUKÁCS, Georg. Prefácio (1967). *In*: **História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012, p. 1-50.

LUXEMBURGO, Rosa. Reforma social ou revolução? *In*: **Rosa Luxemburgo: textos escolhidos – Volume 1 (1889-1914)**. São Paulo: Editora Unesp, 2018, p. 1-88.

MARX, Karl. A Guerra Civil na França (Segundo Rascunho). *In*: **A Guerra Civil na França**. São Paulo: Boitempo, 2011a, p. 153-184.

MARX, Karl. As greves e as coalizões dos operários. *In*: **Miséria da filosofia**. São Paulo: Boitempo, 2017a, p. 141-147.

MARX, Karl. [Complemento ao caderno II, página XXXIX] [Propriedade privada e comunismo]. *In*: **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2011b, p. 103-114.

MARX, Karl. **Crítica do Programa de Gotha**. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, Karl. Estatutos gerais da Associação Internacional dos Trabalhadores. *In*: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Obras Escolhidas em Três Tomos: Tomo II**. Lisboa: Edições «Avante!», 1983, p. 14-17.

MARX, Karl. **Glosas críticas marginais ao artigo “O rei da Prússia e a reforma social”**: de um prussiano. São Paulo: Expressão Popular, 2010a.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: 2010.

MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011b.

MARX, Karl. O caráter fetichista da mercadoria e seu segredo *In*: **O capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital**. São Paulo: Boitempo, 2017b, p. 146-158.

MARX, Karl. O conceito de mais-valor relativo. *In*: **O capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital**. São Paulo: Boitempo, 2017c, p. 387-396.

MARX, Karl. O congresso da Haia. Relato feito na imprensa do discurso pronunciado na reunião de 8 de setembro de 1872 em Amsterdão. *In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Obras Escolhidas em Três Tomos**: Tomo II. Lisboa: Edições «Avante!», 1983, p. 319-321.*

MARX, Karl. Relações de distribuição e relações de produção. *In: **O capital**: crítica da economia política: Livro III: o processo global da produção capitalista. São Paulo: Boitempo, 2017d, p. 939-945.*

MARX, Karl. **Trabalho assalariado e capital & Salário, preço e lucro**. São Paulo: Expressão Popular, 2010b.

MATIAS, Iraldo. **Projeto e revolução**: do fetichismo à gestão, uma crítica à teoria do design. Florianópolis: Em Debate/UFSC, 2014.

MEDRAÑO, José María Durán. Trabajo y comunismo en William Morris. *In: MORRIS, William. **Trabajo y comunismo**. Madrid: Maia Ediciones, 2014, p. 7-62.*

MEYER, Hannes. **El arquitecto en la lucha de clases y otros escritos**. Barcelona: Gustavo Gili, 1972.

MORAES, Luís Edmundo. **História contemporânea**: da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial. São Paulo, Contexto, 2021.

MORRIS, May. Politics and Socialism; Changed Times. *In: MORRIS, William. **Artist, Writer, Socialist, vol. 2**. New York: Cambridge University Press, 2012a, p. 275-370.*

MORRIS, William. A Arte e os seus Produtores. *In: **As Artes Menores e outros ensaios**. Lisboa: Antígona, 2003a, p. 109-128.*

MORRIS, William. Anti-Parliamentary. *In: **Political Writings**: Contributions to Justice and Commonweal: 1883-1890. Bristol: Thoemmes, 1994a, p. 480-483.*

MORRIS, William. **Arquitectura**: textos reunidos. La Rioja: Pepitas de calabaza, 2022.

MORRIS, William *et al.* **A Short Account of the Commune of Paris of 1871**. 2006. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/bax/1886/commune/commune.htm>. Acesso em: 2 set. 2024.

MORRIS, William. A Sociedade do Futuro. *In: **As Artes Menores e outros ensaios**. Lisboa: Antígona, 2003b, p. 85-107.*

MORRIS, William. Como me tornei Socialista. *In: **As Artes Menores e outros ensaios**. Lisboa: Antígona, 2003c, p. 205-221.*

MORRIS, William. Comunismo (1893). *In: Trabajo y comunismo*. Madrid: Maia Ediciones, 2014a, p. 183-202.

MORRIS, William. Declaración de principios de la sociedad socialista de Hammersmith (1890). *In: Trabajo y comunismo*. Madrid: Maia Ediciones, 2014b, p. 65-73.

MORRIS, William. ¿Dónde estamos? *In: La Era del Sucedáneo: y otros textos contra la civilización moderna*. La Rioja: Pepitas de calabaza, 2016a, p. 95-102.

MORRIS, William. Las artes aplicadas en la actualidad. *In: La Era del Sucedáneo: y otros textos contra la civilización moderna*. La Rioja: Pepitas de calabaza, 2016b, p. 75-94.

MORRIS, William. La sociedad verdadera y la falsa (1887). *In: Trabajo y comunismo*. Madrid: Maia Ediciones, 2014c, p. 75-112.

MORRIS, William. **Notes on the Elections**. [s.d]. Disponível em: https://www.marxists.org/archive/morris/works/1892/hsr/aug_elections.htm. Acesso em: 2 set. 2024.

MORRIS, William. Olhando o Passado. *In: As Artes Menores e outros ensaios*. Lisboa: Antígona, 2003d, p. 185-195.

MORRIS, William. On some 'practical' socialists. *In: Political Writings: Contributions to Justice and Commonwealth: 1883-1890*. Bristol: Thoemmes, 1994b, p. 336-342.

MORRIS, William. O Sucedâneo. *In: As Artes Menores e outros ensaios*. Lisboa: Antígona, 2003e, p. 129-149.

MORRIS, William. **Political Writings: Contributions to Justice and Commonwealth: 1883-1890**. Bristol: Thoemmes, 1994c.

MORRIS, William. Reflexões sobre a Educação numa Sociedade Capitalista. *In: As Artes Menores e outros ensaios*. Lisboa: Antígona, 2003f, p. 175-183.

MORRIS, William. Socialism and Politics – An answer to another view. *In: Political Writings: Contributions to Justice and Commonwealth: 1883-1890*. Bristol: Thoemmes, 1994d, p. 98-100.

MORRIS, William. Socialism from the Root Up. *In: Political Writings: Contributions to Justice and Commonwealth: 1883-1890*. Bristol: Thoemmes, 1994e, p. 495-622.

MORRIS, William. Socialismo y anarquismo (1889). *In: Trabajo y comunismo*. Madrid: Maia Ediciones, 2014d, p. 175-182.

MORRIS, William. **The Collected Works of William Morris, Volume 22:** Hopes and Fears for Art; Lectures on Art and Industry. New York: Cambridge University Press, 2012b.

MORRIS, William. **The Collected Works of William Morris, Volume 23:** Signs of Changes; Lectures on Socialism. New York: Cambridge University Press, 2012c.

MORRIS, William. The 'Eight Hours' and the Demonstration. *In: Political Writings: Contributions to Justice and Commonweal: 1883-1890.* Bristol: Thoemmes, 1994f, p. 475-479.

MORRIS, William. The Policy of the Socialist League. *In: Political Writings: Contributions to Justice and Commonweal: 1883-1890.* Bristol: Thoemmes, 1994g, p. 360-363.

MORRIS, William. The Policy of Abstention. *In: Artist, Writer, Socialist, vol. 2.* New York: Cambridge University Press, 2012b, p. 434-453.

MORRIS, William. Trabajo atractivo (1885). *In: Trabajo y comunismo.* Madrid: Maia Ediciones, 2014e, p. 113-123.

MORRIS, William. **Trabajo y comunismo.** Madrid: Maia Ediciones, 2014f.

MORRIS, William. **Why I am a Communist.** 2019. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/morris/works/1894/whycom.htm>. Acesso em 2 set. 2024.

OLIVEIRA, Taiguara Belo de. **A Teoria dos gestores e o marxismo das relações sociais em João Bernardo.** Florianópolis, 2008. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis, 2008. Disponível em: <https://bu.ufsc.br/teses/PSOP0383-D.pdf>. Acesso em: 2 set. 2024.

PANKHURST, Sylvia. Communism and Its Tactics (1921-1923). *In: Non-Leninist Marxism: Writings on the Workers Councils.* St. Petersburg, FL: Red and Black Publishers, 2007, p. 123-154.

PANNEKOEK, Anton. El desarrollo de la revolución mundial y la táctica del comunismo. *In: GORTER, Hermann; PANNEKOEK, Anton. Contra el nacionalismo, contra el imperialismo y la guerra: Revolución proletaria mundial!.* Barcelona: Espartaco Internacional, 2005, p. 221-285.

PEDROSA, Mário. **Acadêmicos e Modernos.** São Paulo: Edusp, 2004.

PEVSNER, Nikolaus. **Os pioneiros do desenho moderno:** de William Morris a Walter Gropius. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

POLESE, Pablo. **Machismo, racismo, capitalismo identitário**: as estratégias das empresas para as questões de gênero, raça e sexualidade. São Paulo: Hedra, 2020.

PROUDHON, Pierre-Joseph. **A propriedade é um roubo**. Porto Alegre: L&PM, 2014.

RAPONE, Leonardo. Contra o reformismo: intransigência, distinção, liberalismo. *In: O jovem Gramsci*: cinco anos que parecem séculos: 1914-1919. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014, p. 357-379.

REIS, Claudio Ricardo Martins dos. Socialismo e anarquia na concepção de Errico Malatesta. **Kínesis**, Vol. VII, nº 13, Julho 2015, p. 228-240.

ROMANI, Carlo Maurizio. **Experiências compartilhadas e autonomia popular na história social**: Aproximações entre E. P. Thompson e Castoriadis. Projeto História, São Paulo, n. 48, Dez. 2013.

SARTRE, Jean-Paul. Eleições, armadilha para otários. **ALCEU** - v.5 - n.9 - p. 5 a 13 - jul./dez. 2004.

SEIDL, Ernesto. Jogo (Sentido do). *In: CATANI, Afrânio Mendes et al. (Orgs.). Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 241-243.

SILVA, Thatianne Santos. **Para além do *The Making***. A formação do conceito de classe social na obra de E. P. Thompson (1965-1991). 2020. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) - Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas., Guarulhos, 2020.

THOMPSON, Edward P. Algumas observações sobre classe e “falsa consciência”. *In: As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012a, p. 269-281.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria e outros ensaios**. Petrópolis: Vozes, 2021.

THOMPSON, Edward P. Consciência de classe. *In: A formação da classe operária inglesa 3*: a força dos trabalhadores. São Paulo: Paz e Terra, 2012b, p. 413-601

THOMPSON, Edward P. Hacia un Partido Socialista unido, 1890-1896. *In: William Morris*: de romântico a revolucionario. Valencia: Edicions Alfons El Magnànim, 1988a, p. 535-587.

THOMPSON, Edward P. Los socialistas entran en contacto con las masas, 1887-1888. *In: William Morris*: de romântico a revolucionario. Valencia: Edicions Alfons El Magnànim, 1988b, p. 399-474.

THOMPSON, Edward P. Los últimos años de la Liga Socialista. *In: William Morris: de romántico a revolucionario*. Valencia: Edicions Alfons El Magnànim, 1988c, p. 475-534.

THOMPSON, Edward P. Necesidad y deseo. *In: William Morris: de romántico a revolucionario*. Valencia: Edicions Alfons El Magnànim, 1988d, p. 591-670.

THOMPSON, Edward P. Nota del autor a la edición revisada. *In: William Morris: de romántico a revolucionario*. Valencia: Edicions Alfons El Magnànim, 1988e, p. 747-749.

THOMPSON, Edward P. Pós-escrito: 1976. *In: MÜLLER, Ricardo Gaspar; DUARTE, Adriano Luiz (Orgs.). E. P. Thompson: política e paixão*. Chapecó: Argos, 2012c, p. 23-99.

THOMPSON, Edward P. **William Morris**. 1959. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/thompson-ep/1959/william-morris.htm>. Acesso em: 2 set. 2024.

THOMPSON, Edward P. **William Morris and the Moral Issues Today**. 1951. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/thompson-ep/1951/william-morris.htm>. Acesso em: 2 set. 2024.

THOMPSON, Edward P. **William Morris: de romántico a revolucionario**. Valencia: Edicions Alfons El Magnànim, 1988f.

TRAGTENBERG, Mauricio. **A falência da política**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

TRAGTENBERG, Mauricio. A Segunda Internacional. *In: Reflexões sobre o socialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2008, p. 35-44.

TRAGTENBERG, Mauricio (Org.). Introdução. *In: Marxismo heterodoxo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981, p. 7-8.

TRAGTENBERG, Mauricio. Rosa Luxemburgo e a crítica aos fenômenos burocráticos. *In: Teoria e ação libertárias*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 71-84.

VASCONCELLOS, Mariana Garcia. **Presentificando o passado**: Abordagens da cultura material nas obras de Lawrence Alma-Tadema e William Morris. 2018. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História da Arte) - Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

VEIGUINHA, Joaquim Jorge. Grécia. *In: História crítica do pensamento político*. V. 1: Da Pólis ao socialismo revolucionário. Coimbra: Edições 70, 2022a, p. 51-64.

VEIGUINHA, Joaquim Jorge. John Locke: o governo legítimo. *In: História crítica do pensamento político*. V. 1: Da Pólis ao socialismo revolucionário. Coimbra: Edições 70, 2022b, p. 135-143.

VEIGUINHA, Joaquim Jorge. Maquiavel: a cidade mundana. *In: História crítica do pensamento político*. V. 1: Da Pólis ao socialismo revolucionário. Coimbra: Edições 70, 2022c, p. 95-104.

VEIGUINHA, Joaquim Jorge. Montesquieu: a monarquia constitucional. *In: História crítica do pensamento político*. V. 1: Da Pólis ao socialismo revolucionário. Coimbra: Edições 70, 2022d, p. 51-64.

VEIGUINHA, Joaquim Jorge. Thomas Hobbes: o Estado soberano. *In: História crítica do pensamento político*. V. 1: Da Pólis ao socialismo revolucionário. Coimbra: Edições 70, 2022e, p. 125-133.

WEIL, Simone. **Nota sobre a supressão geral dos partidos políticos**. Lisboa: Antígona, 2017.

ZETKIN, Clara. **Como nasce e morre o fascismo**. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

ZIZEK, Slavoj. De História e consciência de classe a Dialética do esclarecimento, e volta. **Lua Nova**. São Paulo: Centro de Estudos de Cultura Contemporânea, nº 59, 2003.